



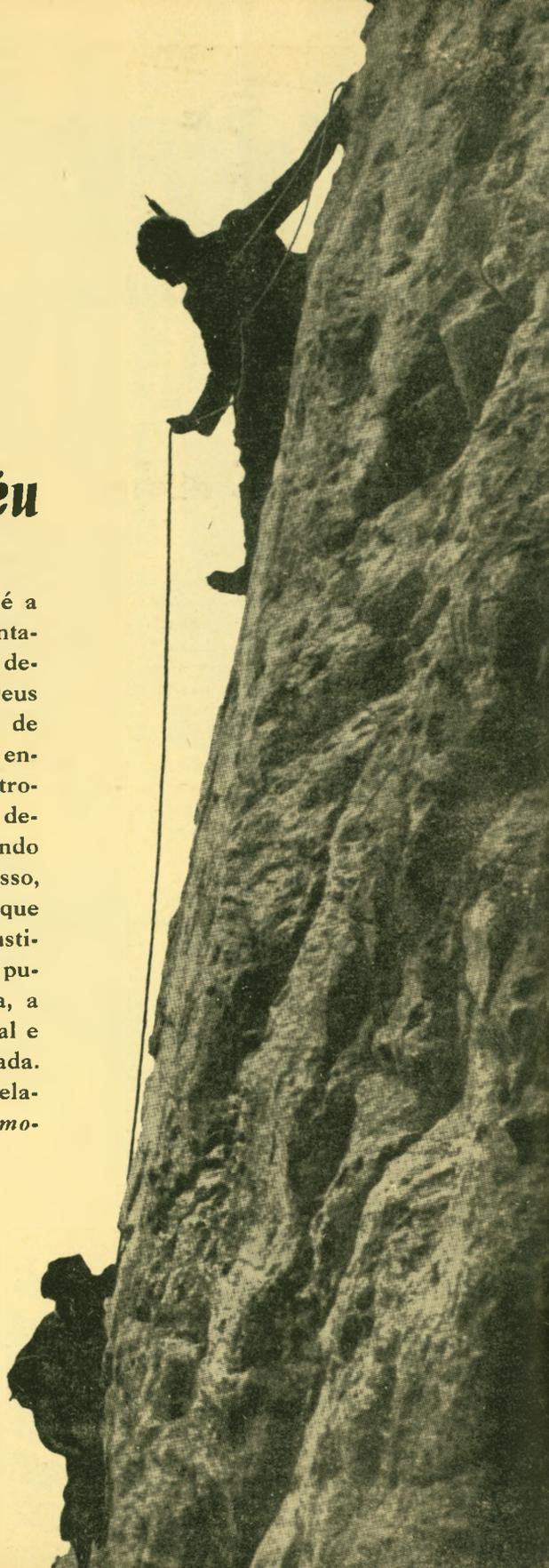
# Ministério

*Adventista*



## **A Subida em Direção ao Céu**

Cristo, que liga a Terra ao Céu, é a escada. A base está firmemente plantada na Terra em Sua humanidade; o degrau do tópo alcança o trono de Deus em Sua divindade. A humanidade de Cristo abraça a humanidade caída, enquanto Sua divindade se apodera do trono de Deus. Somos salvos subindo degrau após degrau da escada, olhando para Cristo, atingindo, passo a passo, a altura de Cristo, de maneira que Ele Se torne para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção. A fé, a pureza, o conhecimento, a temperança, a paciência, a piedade, o amor fraternal e a caridade são os degraus desta escada. Tôdas estas virtudes devem ser reveladas no caráter do cristão. — *Testimonies*, Vol. 6, pág. 147.





## Por que Sois Tão Tímidos?

Navegava César, em noite tormentosa, nas águas agitadas e revôltas do Mediterrâneo. Diante da fúria dos elementos e face a perspectiva de um iminente naufrágio, os marinheiros que compunham a guarnição se sentiram avassalados pelo medo. Repreendendo-os, disse com evidente arrogância o poderoso imperador: "Por que temeis? Não vêdes que César está a bordo?"

Confiança falaz! A embarcação poderia ter sido traçada pelo irado mar. Porém, a palavra audaz de César suscitou coragem, ergueu o ânimo dos amedrontados marinheiros e foi provavelmente a causa do salvamento.

Com quanto maior coragem podemos nós, mensageiros de Deus, atravessar o tormentoso mar de vida, sabendo que vai conosco o Senhor, Aquêle que, repreendendo o undoso mar da Galiléia, disse com a autoridade que Lhe é própria: "Cala-te e quieta-te."

Naquela ocasião os discípulos também se deixaram vencer pelo medo. A noite era espessa e medonha. O vento soprava com grande ímpeto, erguendo no escuro mar ameaçadores vagalhões. Espavoridos, dominados pelo desespero, exclamaram: "Mestre, não se Te dá que pereçamos?"

Jesus que dormia em placidez serena, ergueu-Se e repreendeu o vento, e o mar se aquietou e houve grande bonança. Voltando-Se, após, aos Seus discípulos, interrogou: "Por que sois tão tímidos?" Era razoável que fôssem apenas tímidos em face da tormenta, porém nunca, jamais, tão tímidos!

Aquêles mesmos discípulos que se revelaram tíbios e medrosos quando no tempestuoso mar, mais tarde se tornaram audaciosos e destemidos na obra da pregação. Os seus adversários — conta-nos a narrativa sagrada — "vendo a ousadia de Pedro e João, ... se maravilharam." (Atos 4:13.)

Necessitamos hoje da ousadia apostólica. Os tempos requerem de nossa parte uma atitude mili-

tante. As nossas atividades como ministros de Deus devem ser assinaladas pela intrepidez, a audácia e a determinação. Cumpre-nos demonstrar perante o mundo a ousadia da convicção.

Entretanto, quando observamos as atividades vacilantes de alguns ministros, carentes de entusiasmo realizador, sem a audácia que motiva os grandes cometimentos, lembramo-nos da interpelação de Cristo, tão repassada de censura: "Por que sois tão tímidos?"

Talentosos obreiros, inteligentes pregadores, tangidos pela tibieza e pelo temor do insucesso, têm renunciado a obra do evangelismo, dedicando-se à atividades secundárias.

"Sêde fortes e animosos — escrevia a Sra. White em uma de suas cartas. Para lutar com êxito, um soldado precisa ter coragem e resistência. Somos, de nós mesmos fracos. Temos, porém, a promessa: 'Os que esperam no Senhor renovarão as suas forças.'" — Carta 156, 1903.

"Aparecerão obstáculos ao progresso da obra de Deus; mas não temais. A onipotência do Rei dos reis, nosso Deus que mantém o concerto alia a benignidade e o cuidado de um terno pastor. Coisa alguma Lhe pode impedir a marcha. Absoluto é Seu poder, e isto é o penhor do seguro cumprimento das promessas feitas por Ele a Seu povo.

"Nos dias mais sombrios, quando as perspectivas se afiguram tão desagradáveis, não temais. Tende fé em Deus. Ele está executando Sua vontade, fazendo todo o bem em favor de Seu povo.

"Não deve haver acobramento no serviço de Deus. Nossa fé precisa suportar a pressão posta sobre ela. Deus é capaz de conceder a Seus servos toda a força de que necessitam, e está pronto a fazê-lo. Cumprirá de sobejo as mais altas expectativas dos que n'Ele põem a confiança." — Carta 57, 1905.

Se consideramos a grande obra que nos é cometida em face das possibilidades humanas, olvidando-nos das promessas divinas, seremos inevitavelmente vencidos por êste gigante negro — o medo. Foi precisamente esta a melancólica experiência dos companheiros de Josué e Calebe. Após haverem expiado a fertilidade da terra, a exuberância dos seus imensos campos e extensas pradarias, apresentaram um relatório que se inspirava na covardia: "Aquêles povo ... é mais forte do que nós." Números 13:31.

Ao viajar por imensas regiões, fervilhantes de atividades, e ver o povo absorto na procura de prazeres e ilusões, somos levados a pensar na grande responsabilidade que sobre nós repousa: advertir êsse povo, e fazê-lo tão depressa quanto possível.

Na realização desta obra, inspiremo-nos na ousadia de Josué e Calebe, quando exclamaram: "Subamos animosamente ... porque certamente prevaleceremos ..." (Núm. 13:30). Avancemos, pois, na força do Senhor, trabalhando com ousadia, com a certeza inabalável de que "Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação." (II Tim. 1:7.)

— Enoch de Oliveira



Órgão publicado bimestralmente pela  
Associação Ministerial da Igreja Adventista do  
Sétimo Dia

Editado pela

Casa Publicadora Brasileira  
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira

Gerente — Bernardo E. Schuenemann

Redator responsável — Luiz Waldvogel

Redator — Arnaldo B. Cristianini

Colaborador especial:

J. J. Aitken

<b>Brasil</b>	
Assinatura Anual .....	Cr\$ 300,00
Número Avulso .....	Cr\$ 50,00
<b>Estrangeiro</b>	
Assinatura Anual .....	US\$ 2,00
Número Avulso .....	US\$ 0,35



ANO 26 No. 3

A SUBIDA EM DIREÇÃO AO CEU .....	2
DE CORAÇÃO A CORAÇÃO	
Por que Sois Tão Timidos? .....	
..... Enoch de Oliveira	3
<b>ILUSTRAÇÕES</b>	
Mantendo a Luz Acesa .....	4
O Vínculo do Amor .....	4
<b>ARTIGOS GERAIS</b>	
O Perigo da Incoerência .....	R. S. Watts 5
Que Espécie de Voz Somos? .....	Milton Lee 9
<b>OBRA PASTORAL</b>	
A Semana de Oração .....	J. W. Osborn 12
Ganhando Pelo Amor .....	D. H. Kress 13
<b>EVANGELISMO — ALMAS PARA DEUS</b>	
Inércia Perigosa .....	Don H. Spillman 15
<b>PESQUISA — TEOLOGIA, HISTÓRIA, CIÊNCIA</b>	
Foram a Terra e o Universo Estelar Criados Simultaneamente? .....	Roberto Leo Odom 17
O Início do Tempo do Juízo ....	W. E. Read 20
<b>NOTÍCIAS DA IMPRENSA .....</b>	<b>24</b>



## Mantendo a Luz Acesa

NA costa da Noruega há um farol, no qual vivia o faroleiro e seus dois filhos pequenos. Certo dia ele fôra à praia distante fazer a provisão de alimentos. Desencadeou-se uma tempestade, que o reteve lá. Chegou a hora de acender a luz do farol, e Maria, a maiorzinha disse a seu irmãozinho:

— Temos que acender o refletor, Guilhermino.

— De que jeito? — respondeu o pequerrucho. Não somos altos o suficiente para alcançá-lo.

Mesmo assim, as duas crianças subiram a longa e estreita escada da torre onde se achava a lâmpada gigantesca. Maria arrastou uma cadeira e, subindo nela, tentou alcançar a lâmpada; ela porém estava muito alta. Descendo as escadas às apalpadelas, subiu de novo com uma lamparina à mão.

— Posso erguer isto, e acender o foco — disse ao irmãozinho.

Subiu de novo na cadeira, mas ainda assim o refletor lhe ficava além do alcance.

— Desça — disse o pequeno. Sei o que podemos fazer.

Ela saltou para o chão, e ele estendeu seu corpinho em tôda a extensão do assento da cadeira.

— Fique em pé sobre mim, disse o menino.

Ela subiu sobre ele naquela posição. Alcançou a lâmpada alta, e logo sua luz se projetava distante por sobre as águas do mar. Segurando-a primeiro com uma mão, e depois com a outra, para descansar seus bracinhos, perguntava ao irmãozinho:

— Isto o machuca, Guilhermino?

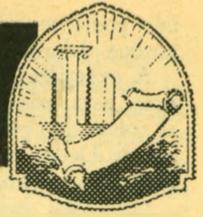
— Naturalmente me machuca — respondeu — mas mantenha a luz acesa. — 3.000 Illustrations for Christian Service.

## O Vínculo do Amor

CERTO dia, uma das águias gigantescas da Escócia carregava uma criancinha que dormia. A vila inteira perseguia-a, porém a águia logo pousou num alto penhasco, e todos perderam a esperança de salvar a vida da criança.

Um marinheiro tentou subir o monte, mas viu-se obrigado a desistir. Um robusto montanhês, acostumado a subir às montanhas, tentou mas foi forçado a voltar. Por fim uma pobre camponesa veio à frente e, pondo os pés, na reintrância da rocha, subiu, subiu, até atingir o cimo do penhasco. Enquanto pulsava o coração dos que estavam em baixo, ela desceu, passo a passo, até que, entre os brados de alegria dos aldeões, chegou de novo à base do rochedo com a criança em seu seio.

Por que seria que o marinheiro e o montanhês não haviam sido capazes de alcançar a criança, ao passo que uma simples camponesa pôde fazê-lo? Por quê? Porque entre ela e o nenem havia um vínculo; aquela mulher era a mãe do pequenito. Que haja êsse vínculo do amor de Cristo e das almas em nosso coração, e maiores maravilhas serão operadas. — Seleta.



## O Perigo da Incoerência

R. S. WATTS

Secretário da Associação Geral



**DISSE** alguém: "Tôda a verdadeira pregação começa com o pregar a si mesmo." Isto é o que estive a fazer enquanto preparava esta mensagem — falando continuamente ao meu próprio coração. Na história de nosso mundo nunca houve mensagem igual à que nos foi confiada. Fomos chamados pa-

ra transmitir o último apêlo de Deus ao povo dêste mundo. Logo a humanidade terá que decidir-se em face das verdades que sustentamos.

Certamente nossa mensagem — a mensagem final do segundo advento — tem que ser levada para a frente com maior rapidez. Olhando para traz, reconhecemos plenamente que houve demoras ao longo do caminho. Podemos dizer com o profeta do passado: "Já se vão estendendo as sombras da tarde" (Jer. 6:4).

Volvamos agora a Josué 7:10-13:

Então disse o Senhor a Josué: Levanta-te; por que estás prostrado assim sôbre o teu rosto? Israel pecou, ... até tomaram do anátema, e também furtaram, e também mentiram, e até debaixo de sua bagagem o puseram. ... Levanta-te, santifica o povo, e dize: ... Israel, diante dos teus inimigos não poderás suste-ter-te, até que tires o anátema do meio de vós.

Lembrai-vos da ocasião dêste fato. Os filhos de Israel sofreram a primeira derrota desde o início da conquista de Canaã. Sofreram-na às mãos de uns poucos combatentes palestínianos, na pequena cidade de Ai — lugarejo perdido na colina próxima a Jericó.

Nos dias anteriores viram-se grandes e maravilhosas vitórias conseguidas pelo povo escolhido de Deus. Primeiramente, deu-se a miraculosa travessia do rio Jordão, quando as águas encapeladas se dividiram e "todo o Israel passou em sêco." Deu-se a seguir a tomada de Jericó — um dos mais fortes baluartes na Terra Prometida. Jericó era uma inexpugnável cidade murada. Subjugá-la foi o primeiro passo na conquista de Canaã. Josué buscou ardente-

mente a Deus para obter a certeza da orientação divina. Isto lhe foi concedido. Foram os exércitos do Céu que derribaram as muralhas de Jericó. A conquista desta cidade foi totalmente de Deus. O Altíssimo decretara: "Tenho dado na tua mão a Jericó." A força humana era impotente diante daquelas pedras maciças, e a vitória veio unicamente do poder divino.

Agora, inflamados com a vitória, os exércitos de Israel preparavam-se para tomar Ai — nada mais que um vilarejo. Esperava-se fácil vitória. As grandes vitórias já obtidas tornaram os dirigentes do povo de Deus cheios de confiança em si próprios. Sentiram-se seguros. Não lhes havia Deus prometido Canaã? Começaram a exaltar a própria força. Volveram às armas carnis. De fato, Josué traçara planos para apoderar-se de Ai sem buscar de modo algum o conselho de Deus. Foram, contudo, derrotados.

### As Razões da Derrota

A humilhante experiência em Ai foi resultado de três coisas:

1. Os dirigentes traçaram planos sem buscarem o conselho de Deus.
2. Descansaram nas promessas de Deus, porém deixaram de cumprir Suas condições.
3. Tornaram-se confiantes em si mesmos — prontos a confiarem em sua própria força.

Devido a sua atitude, a iniciativa passou para as mãos de Satanás. Não era de admirar-se que todo o acampamento se desanimasse. Foi naquela ocasião que Deus enviou uma mensagem positiva a Josué: "Levanta-te; por que estás prostrado assim sôbre o teu rosto? Israel pecou, transgredindo o Meu concêrto que lhes tinha ordenado."

Não era essa uma hora de desespero e lamentações. Era uma ocasião para ação pronta e decidida. O programa divino de conquista

não podia ser retardado. Não podia haver nenhuma delonga no plano de Deus para Israel.

A experiência de Israel em Ai contém uma lição para nós. Precisamos estudar e analisar as coisas que possam estar retardando o programa de Deus para Seu povo neste período crucial do movimento do advento.

Há coisas existentes entre nós que podem estar retardando a obra de Deus? Ninguém nega que tem havido delongas. A obra de Deus tem sido retardada, e o movimento do advento se acha penetrado na História. Parece, contudo, que o passar do tempo não criou tanto o senso da solenidade como o da satisfação. Somos inclinados a orgulhar-nos de nossas grandes conquistas de hoje.

*Cobreiros, não é a distância percorrida, mas a distância a ser percorrida à nossa frente, que nos deve preocupar.* Pode acontecer que nós, como dirigentes ou como povo, estejamos na mesma relação diante de Deus em que se achava Josué e o acampamento, quando o pecado de Acã e a confiança própria dos israelitas detiveram a conquista de Canaã? A serva do Senhor traça o seguinte paralelo impressionante:

A influência que mais temida deve ser pela igreja não é a dos fracos oponentes, incrédulos e blasfemos, mas dos que incoerentemente professam a Cristo. Estes são os que impedem as bênçãos de Deus de virem a Israel, e acarretam a fraqueza ao Seu povo. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 544.

Observemos a expressão “incoerentemente professam a Cristo.” Sua influência entre o povo de Deus suprime as Suas bênçãos e acarreta fraqueza sobre toda a igreja. Se há destes elementos entre nós, então é nosso dever, nossa responsabilidade, descobri-los e encontrar o remédio. A incoerência sempre restringe a influência de Deus em nossa vida e nossa obra. Estamos nós, por nossas atitudes, detendo o derramamento do Espírito de Deus sobre a igreja neste tempo da chuva serôdia?

Faça cada um esta pergunta a si mesmo: “Estou vivendo minha religião? Sou, como obreiro, incoerente nesta hora crucial da proclamação da mensagem do advento? Posso, como ministro, mero intelectualismo teológico enquanto minha espiritualidade é estéril? Estou mais pronto para o trabalho ativo, para o correr e o azáfama, do que para a devoção humilde? Sou mais zeloso em empreender serviço religioso exterior do que a obra íntima do coração?”

Perguntas semelhantes a estas evitamos frequentemente porque elas nos incomodam. Contudo este assunto é fundamental e não deve ser passado por alto. Acã menosprezou a ordem direta de Deus e trouxe uma tragédia sobre o acampamento de Israel. Se, de fato, compreendermos a proximidade do encerramento da graça e a volta de nosso Senhor, por que nossa religião pessoal não realiza mais? Por que o co-

nhecimento da verdade divina não efetua uma transformação mais vital em nossa vida e obra?

Hoje, mais do que nunca, nós obreiros e membros da igreja enfrentamos o grave perigo da complacência e satisfação com esta vida. Com as conveniências modernas, nosso lar e seus confortos, estamos dispostos a desfrutar nossa tranquilidade em Sião. Deus será que despetar-nos. Que hora na qual viver! Mas que hora terrível para se estar à vontade quando o mundo inteiro marcha para a destruição, des-preparado e não advertido!

Nossos obreiros não têm que suportar os sacrifícios físicos dos primitivos pioneiros. Cerca-dos como nos achamos de muitas garantias denominacionais, não surge o perigo de Satanás envolver-nos no torpor dos laodiceanos? Pregamos acerca da vinda de Cristo, mas estamos integralmente preparados para defrontá-Lo? Em vista da hora crucial que este grande movimento enfrenta agora, certamente uma atitude de desinteresse num obreiro constitui afronta a Deus. *Usemos não permitir que as exterioridades sejam a súpula de nossa religião.*

Foi quando os israelitas se achavam em uma condição de comodidade e segurança exterior que foram levados ao pecado. Deixaram de conservar a Deus sempre diante de si, negligenciaram a oração, e acariciaram um espírito de confiança em si próprios. — *Patriarcas e Profetas*, pág. 501.

### Em Que Coisas Estamos Pondo Ênfase

Devido a circunstâncias que rodeiam nossa denominação temos que pôr ênfase na mecânica da organização — a maquinaria humana. E especialmente depois que crescemos formando ampla organização mundial. Numa obra de expansão sempre crescente há crescentes necessidades a utilizar-se dos recursos da igreja. E quanto mais crescemos numericamente e financeiramente, maiores serão estas necessidades. Isto é de esperar-se. Não obstante, quando temos feito o melhor, temos que admitir nossa insuficiência humana, nossa completa inaptidão para levar a cabo nossa tarefa em nossa força. Devemos atacar nossa tarefa mundial de maneira prática e realística. Como, porém, podemos ser realistas? É realismo aceitável confessarmos nossa desvalia e inteira dependência de Deus. Foi neste ponto que Josué fracassou. Ao invés de buscar a orientação e ajuda de Deus confiou num exército bem adestrado. Deus fôra deixado fora de seus planos. *Ele não aguardou por Deus.* Vale a pena esperar, irmão, se esperamos por Deus.

Debaixo dos chuveiros da chuva serôdia, as invenções dos homens, a maquinaria humana, serão por vezes exterminadas, os limites da autoridade humana serão como cana quebrada, e o Espírito Santo falará através de vivos agentes humanos com poder convincente. Ninguém ficará à espera de ver se as frases são bem lapidadas, se a gramática está impecável. *A água viva fluirá nos canais do próprio Deus.* — *Boletim da Associação Geral* (1895), pág. 183. (Grifos acrescentados).

De novo pergunto: Em que pontos estamos pondo ênfase? Não há acaso o perigo de que nossa visão nesta hora crucial se torne anuviada? É tão fácil que nossas energias e idéias se desviem de modo que assuntos de menor importância absorvam nosso interesse e requeiram nossa atenção. Hoje, como nunca dantes, precisamos colocar as coisas que esperamos fazer em sua exata posição de importância — devemos pôr as primeiras coisas em primeiro lugar.

Reconhecemos que a mão prosperadora de Deus tem estado sôbre nós. Nosso crescimento em membros da igreja durante décadas passadas tem sido fenomenal. Somos informados de que na América do Norte em 1870 apenas uma pessoa em 9.320 era adventista do sétimo dia. Hoje há uma para cada 556. Isto quer dizer que a comunidade de membros de nossa igreja cresceu 13 vêzes mais nos Estados Unidos do que a população como um todo. Há, aqui, contudo, alguma coisa mais reveladora e significativa. O mais rápido crescimento proporcional em nosso número de membros ocorreu entre os anos de 1870 e 1900. Seguindo-se a isto, no que tem sido proclamado como a década da *expansão* — 1920-1930, o crescimento proporcional caiu para apenas 8 por cento, mas na década depressiva seguinte, 1930-1940, elevou-se para 44 por cento. Na década da guerra, 1940-1950, a taxa de crescimento em membros caiu de novo para menos da metade da taxa dos anos de crise. Agora no tempo presente caiu mais uma vez para 8 por cento ou menos do que 1/6 do que se deu durante os anos da depressão econômica.

Isto revela um fato inegável: *prosperidade material*, e *prosperidade espiritual* não andam juntas. Seria o caso de a igreja hoje estar em extrema necessidade de outra grande depressão econômica que conduzisse nosso interesse para as coisas espirituais? Depressões, privações ou perseguições não são desejáveis, no entanto no meio destas experiências a igreja de Deus tem realizado seu maior avanço. Dias de prosperidade e favor provaram-se ser os mais perigosos, e freqüentemente têm conduzido à apostasia e à derrota.

#### Alterou-se o Programa das Missões

Durante as décadas passadas punha-se muita ênfase em nosso programa de missão mundial. Hoje, porém, enfrentamos um mundo diferente. Mudanças cataclísmicas sucedem-se com grande rapidez. Dentro de uns poucos anos a maior parte da humanidade terá mudado sua situação política. Surgiram três principais agrupamentos; um terço da humanidade acha-se sob controle comunista; um terço pertence ao "Livre Ocidente"; e aproximadamente um terço acha-se nas denominadas nações neutras. A

Ásia desfez-se do centenário imperialismo do Ocidente; a África torna-se crescentemente rebelde à dominação colonial; a China emergiu como potência mundial, e a Índia tornou-se autônoma. Novas convicções revolucionárias estão seduzindo multidões nas populações não cristãs do mundo. Há violência em potencial na crescente tendência entre as nações de os ricos se tornarem mais ricos, e os pobres, mais pobres.

Em vista de nova agressividade no Oriente, em vista do contínuo surto explosivo de nacionalismo entre os povos da raça negra, em vista do rigoroso reavivamento das religiões não cristãs inflamadas pelos ventos quentes do racismo, em vista da ausência de liderança nos negócios do mundo, esta pergunta me assombra: "Não é já chegado o tempo para de novo revermos o padrão estabelecido e a relação de nosso programa de missões com as atuais mutações cataclísmicas num mundo para cuja salvação fomos especialmente chamados a existir?" Reestudar os padrões mutáveis de nosso programa missionário, pois, seria considerar fatores que há tanto no mundo como na igreja.

#### Tendemos a Realçar Problemas Humanos

Parece-me que há em nosso ministério uma crescente tendência de acentuar mais os problemas humanos do que as verdades vitais destinadas a "preparar um povo para o Senhor." Qual é a tendência predominante entre nossos obreiros? Não seria o caso de ser a vida moderna repleta de tantas e variadas complicações? Vivemos entre esforços, tensões, azáfamas e tranquilizadores. A atual popularidade do psicanalista, do higienista mental, do psiquiatra constitui prova abundante dêste mar de distúrbios e preocupações no qual navegam multidões nos países civilizados.

Nossos ministros estão dispendendo mais e mais tempo ajudando a resolver os problemas pessoais de membros da igreja. Sermões *resolve-problemas* são a ordem do dia. Sem o saberem, alguns de nossos pastôres estão empregando os métodos de outras igrejas, onde a ênfase é posta na câmara de psicologia e conselho. É perfeitamente possível dispendermos mais tempo nos problemas humanos e menos em apresentarmos a mensagem do plano evangélico de salvação, o qual revitalizará o espírito abatido de nossos crentes. É a *pregação adventista que irá fazer crentes adventistas*. Nosso caro povo necessita de conselho e conforto, mas necessita desesperadamente de Cristo e da gloriosa esperança de Seu breve retorno.

Certo ministro indagava: "Quando seremos conduzidos, pela religião cristã, para o Getsêmani ao invés de o ser para o divã do psiquiatra?" *Somos comissionados por Deus, nesta ho-*

ra tardia, para prepararmos um povo para a trasladação. Todo sermão deve conter alguma coisa do apêlo do Eterno Deus.

O Senhor está ajustando um povo para o Céu. Os defeitos de caráter, a vontade obstinada, a idolatria egoísta, a condescendência com a crítica, o ódio, a contenda, ... precisam ser banidos dêste povo que guarda os mandamentos. — *Test. for the Church*, Vol. 4, pág. 180.

### **Nossas Incoerências Abrem Caminho Para Satanás Tomar a Iniciativa**

Satanás está detendo o avanço exatamente como o fez por meio de Acá. Ele quer retardar a obra de Deus. Quer nada menos que adiar indefinidamente o derramamento do Espírito de Deus sobre a igreja. Estamos nos aproximando da hora final do engano de Satanás para o mundo. Neste assalto final desencadeará toda sorte de planos e estratégias infernais que seu diabólico intelecto pervertido possa inventar. O desfecho final está agora rapidamente tomando forma.

Declara a Bíblia de modo claro que a vinda de Cristo será precedida pela

eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira (II Tess. 2:9-11).

Hoje, como em tempo algum, esta profecia concernente à obra enganosa de Satanás está sendo cumprida. Um demonismo dinâmico está em operação no mundo. Espíritos operadores de milagres estão invadindo rapidamente as igrejas. Certamente isto é precursor daquela hora em que a moderna Babilônia tornar-se-á "morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo" (Apoc. 18:2). Estamos na iminência de vermos realmente uma nova e mais exaltada forma de religião abrangendo o mundo. A ampla difusão e quase universal interesse e aceitação do espiritismo entre as corporações cristãs nominais, incluindo a Igreja Católica Romana, está preparando o caminho para uma religião mundial fundada sobre fenômenos psíquicos e mensagens de espíritos.

Como adventistas do sétimo dia não devemos supor que não seremos tocados ou afetados por êstes múltiplos sofismas satânicos. É propósito confesso do inimigo enganar, se possível, "os próprios escolhidos." O perigo de certos ensinamentos sutilmente enganadores que vêm presentemente de círculos religiosos e científicos é muitíssimo maior do que muitos supõem.

Paulo escreve acerca dos "últimos dias" nos quais "apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios" (I Tess. 4:1).

Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás, se transfigura em anjo de luz (II Cor. 11:13 e 14).

Estarão usando a máscara de apóstolos de Cristo.

### **Como Devemos Enfrentar Êste Grande Embuste**

Êstes embustes dos últimos dias serão revelados pela divina luz que emana das mensagens dos três anjos. Estas mensagens, baseadas num "Assim diz o Senhor," se designam a desmascarar todos os sofismas e embustes de Satanás. Devemos proclamar estas mensagens características em acentos tronitroantes. Não é êste o tempo para os arautos de Deus amaciarem ou abafarem as claras verdades para esta hora momentosa. De modo algum podemos nós, como obreiros, pregar estas mensagens especiais de maneira a aproximar-se do processo de ensino em voga em tantas igrejas hoje em dia. O de que necessitamos é coragem indomável e viva fé em Deus, coragem para avançar e tentar o impossível, e uma correspondente fé para crer que Deus executará o impossível por nós.

Há alguns meses fui vivamente impressionado pela leitura do livro *Atos dos Apóstolos*, com o simples porém leal e convincente testemunho dos primitivos apóstolos e crentes. Eram indomáveis e corajosos homens e mulheres cujo interesse todo-absorvente era glorificar seu Senhor e Salvador. Oravam para terem ousadia e pregavam com intimorez. Com que linguagem ardente vestiam suas idéias ao darem testemunho de seu bendito Senhor! Sua linguagem queimava porque estavam êles mesmos ardendo. Enfrentavam as dificuldades, a perseguição e a morte, mas avançavam destemerosamente para vencerem no nome de Cristo. Compreendiam perfeitamente que sua obra era delineada para êles pelo divino Planejador. Sabiam que jamais poderiam triunfar deixando a outros o encargo de revelar o que Deus lhes fizera conhecer por divina revelação. E assim deve ser hoje. Nossas orações, nossos planos devem ser não para condições mais favoráveis, maior segurança, veredas mais fáceis, ou menos preocupações, mas para maior poder, coragem e fortaleza capaz de enfrentar os grandes e eternos problemas desta hora grandiosa.

Nesta hora há necessidade de surgirem entre nós dirigentes, ministros, e força produtora, homens dotados de poder incomum do Alto. De qualquer ponto de vista é imperativo, entre nós, um poderoso surto de testemunho convincente e eficaz. Nossa grande necessidade é de mais pregadores destemerosos, cheios de fervor e devoção apostólicos.

McCheyne, aquêle dirigente espiritual que antes dos trinta anos de idade, há mais de cem anos, sacudiu a Escócia com suas orações, resumiu tudo desta maneira: "Não há grandes talentos que Deus tanto abençoe como a semelhança com Jesus." "Um ministro virtuoso

e uma arma terrível na mão de Deus.” — *Memoirs of McCheyne*, pág. 95.

Meus coobreiros, podemos esperar esta manifestação do poder enviado do Céu entre nós que conduza o ministério e este povo à experiência da chuva serôdia e alto clamor, quando retardamos e nos recusamos a andar na luz e conselho que Deus graciosamente tem dado a Seu povo?

Eis um conselho oportuno:

Orai para que as poderosas energias do Espírito Santo, com todo o seu poder vivificador, restaurador e transformador possam atuar como uma corrente elétrica sobre a alma atacada de paralisia, fazendo com que cada nervo estremeça com nova vida, restaurando o homem todo, de seu estado terreno, morto e sensual, para o de perfeita saúde espiritual. — *Testemunhos Seltos*, Vol. 2, pág. 100.

Nesta hora tremendamente desafiadora na História, nossa consagração à causa de Deus tem que ser sem reservas. Não ousamos ser

incoerentes em nossa profissão de fé. A graça e a verdade devem reinar em nosso coração — inspirando nossos motivos e controlando nossos atos. Nossa vida deve esconder-se diàriamente em Cristo e mergulhar-se nas profundezas do Amor Infinito. Que Deus nos ajude a sentir a necessidade de uma genuína recon-sagração de coração e propósitos para com Ele. Que sejamos dotados de poder por Deus para santificar nossas próprias vidas e as vidas de nossos crentes de modo que a excelência da graça divina possa habitar em nós.

Erguei-vos, homens de Deus!  
A Igreja espera por vós,  
Para fortalecer-lhe a tarefa;  
Erguei-vos e engrandeci-a!

Exaltai a cruz de Cristo!  
Pisai onde Seus pés pisaram:  
Como irmãos do Filho do homem,  
Erguei-vos, homens de Deus!

— W. M. P. MERRILL

## Que Espécie de Voz Somos?

MILTON LEE

Secretário da Associação Ministerial da União da Ilha do Sul da China

**N**ÃO há dúvida que João Batista foi um dos mais bem sucedidos pregadores que o mundo conheceu. Dêle testificou Cristo: “Entre os nascidos de mulheres, não há maior profeta do que João Batista” (S. Luc. 7:28). O êxito evangelístico de João é bastante evidente no relato de seu ministério no Evangelho. Este pregador não tinha orçamento para a publicidade de sua campanha. Não possuía equipamento evangelístico de espécie alguma. Levou a efeito sua campanha evangelística não nas cidades mas no deserto da Judéia. Setecentos anos antes, o profeta Isaías apresentara o Batista apenas como “voz do que clama no deserto” (Isa. 40:3). Aquela voz, porém, devia ter um extraordinário poder de atrair porque ainda que fôsse necessário aos ouvintes de João caminharem penosamente pelas estradas poentas sob o Sol abrasador do deserto a fim de alcançarem seu retiro, a Bíblia regista: “E então ia ter com êle Jerusalém e tódã a Judéia, e tódã a província adjacente ao Jordão; e eram por êle batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados” (S. Mat. 3:5 e 6).

Ê-nos dito que a obra de João consistia em “preparar ao Senhor um povo bem disposto”

(S. Luc. 1:17). Em *O Desejado de Tôdas as Nações*, pág. 70, lemos: “Preparando o caminho para o primeiro advento de Cristo, era representante dos que têm que preparar um povo para a segunda vinda de nosso Senhor.” Deus confiou hoje a Seus ministros a obra solene de preparar um povo para Sua vinda; portanto, não anelamos ver os mesmos resultados em nossa pregação? “Príncipes e rabis, soldados, publicanos e camponeses iam ouvir o profeta. . . . Pessoas de tôdas as categorias submeteram-se às exigências do Batista, a fim de participar do reino que anunciava. Muitos dos escribas e fariseus foram ter com êle, confessando os pecados e pedindo batismo.” — *Idem*, pág. 73.

Alguns podem julgar que as condições eram diferentes nos dias de João. Êle não teve que competir com cinema, televisão e numerosos outros engenhos desta era científica, que ocupam hoje a atenção das multidões. Ao contrário, a época de João não era isenta dos engodos que atraem a sabedoria mundana. Ouçamos isto: “Ao tempo de João Batista, a cobiça das riquezas e o amor do luxo e da ostentação se haviam alastrado. Os prazeres sensuais, ban-

quetas e bebidas, estavam causando moléstias e degeneração física, amortecendo as percepções espirituais, e insensibilizando ao pecado.” — *Idem*, pág. 69.

Que espécie de indivíduo era este homem que atraía multidões do resplendor das cidades ímpias ao deserto estéril e isolado? Nós os que buscamos a Deus para obtermos mais poder em nosso ministério faríamos bem em refletirmos sobre a vida e caráter dessa voz sobranceira.

### Uma Voz Modesta

A campanha evangelística de João teve bom êxito porque ele realçava antes a mensagem e não ao mensageiro. Ele conduzia os olhares do povo não para o portador da mensagem mas para o Portador do Pecado. “Vendo João o povo voltar-se para ele, buscava tôdas as oportunidades de encaminhar-lhes a fé para Aquêle que haveria de vir.” — *Idem*, pág. 108. A popularidade não virou a cabeça do pregador, pois ele “contemplou o Rei em Sua beleza, e o próprio eu foi esquecido.” — *Idem*, pág. 103.

Sim, “o eu foi esquecido.” Uma vez que João contemplara o Salvador em tôda a Sua bondade, seu único desejo era preparar o coração das multidões para aceitar o Redentor vindouro. Nada devia fazer para atrair o auditório a si. Mesmo seu vestuário era simples como o dos antigos profetas. Antes de falar não havia as floreadas apresentações mencionando suas conquistas no passado como orador qualificado. De fato, poucos de seus ouvintes sabiam quem era ele. Isto motivou os judeus mandarem representantes a João com a pergunta: “Quem és? . . . que dizes de ti mesmo?” (S. João 1:22).

Foi esta uma original oportunidade para um reconhecimento nacional. Qual o evangelista que hoje não capitalizaria tal oportunidade para uma publicidade gratuita? Estes repórteres foram enviados por alguns dos dirigentes religiosos da nação com a pergunta: “Que dizes de ti mesmo?”

A resposta de João revela sua modéstia despreendida. Nem sequer mencionou seu nome. Apenas exclamou: “Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor” (S. João 1:23).

Ao iniciar meu ministério público, como muitos outros colegas evangelistas, julgava que se deveria dar ao orador um renome espetacular a fim de atrair uma multidão. Deveria haver grandes cartazes, com um retrato do orador ocupando maior espaço do anúncio. Deveria haver um elogio às realizações do orador. Muitas vezes permiti que meus bem intencionados coobreiros chineses adornassem meu anúncio com comentários como êsse: “O orador, em-

bora seja americano, fala perfeitamente o chinês, e entende os antigos clássicos.” Êsse louvor às minhas qualificações não somente raiava à hipérbole mas me punha sob forte tensão nervosa. Eu gastava duramente horas a fio decorando cada conferência, enfrentando grandes dificuldades para pronunciar corretamente, bem como para estar certo de que cada palavra tivesse o som exato. Esta tentativa humana de viver à altura do renome proclamado me tornava constrangido na plataforma. Minha apresentação do sermão tornava-se bombástica e fria. E no final de cada reunião sentia-me desencorajado e derrotado. Tal evangelismo público era realmente um “esforço.”

A seguir ocorreu uma mudança. Minha esposa freqüentemente aconselhava: “Não trabalhe tanto na técnica de apresentar a mensagem. Esqueça-se de si mesmo. Entregue-se ao Senhor e deixe-O falar.” Fiz isto, e a experiência que adveio foi certamente compensadora.

Não há substituto para a voz de Deus falando através do humilde instrumento humano. Esta espécie de pregação é a melhor anúncio conhecida. O que atrai as massas a nossos centros evangelísticos e mantém o povo é o poder magnético não do orador mas da mensagem! Demos mais realce à mensagem, e não ao mensageiro. Digamos com João: “Importa que Ele cresça, e eu diminua,” e nosso ministério será bem sucedido.

### Uma Voz Certa

A mensagem de João era poderosa por causa do elemento de certeza e do timbre de urgência que tinha. “Arrependei-vos, porque o reino do Céu está às portas,” clamava. Era uma mensagem que penetrava o coração de cada ouvinte. Ninguém podia ouvir sem sentir o poder convincente da Palavra e a necessidade de imediato preparo.

“Deus não manda mensageiros para lisonjear o pecador. Não transmite mensagem de paz para embalar os não santificados numa segurança fatal. Depõe pesados fardos sobre a consciência do malfeitor, e penetra a alma com as setas da convicção.” — *Idem*, pág. 72.

Estamos nós, como ministros, pregando uma mensagem de paz? Estamos gastando mais tempo *polindo* nossos sermões do que *tornando-os mais penetrantes*? Estamos mais interessados em vestir nossas prédicas com o moderno garbo do raciocínio filosófico, de modo a *apaizuar* a consciência em vez de *perfurá-la*? Usamos mais as sinuosas aproximações psicológicas do que a expressão sem rodeios: “Assim diz a Palavra”? Preferimos depois do sermão um comentário assim: “O senhor fez um excelente discurso” ao “O Senhor falou hoje”?

Chegou a hora para o povo do advento proclamar a mensagem do evangelho com a voz certa. Em 1909 observava Ellen G. White: "Se todo atalaia nos muros de Sião houvesse dado à trombeta um somido certo, o mundo poderia ter ouvido a mensagem de advertência. Mas a obra está com anos de atraso. Enquanto os homens têm dormido, Satanás se nos tem adiantado furtivamente." — *Testemunhos Seletos*, Vol. 3, pág. 296.

#### Uma Voz Coerente

João não apenas pregava. Praticava o que pregava. Ninguém se associava com êle por muito tempo sem sentir o fato de que o próprio João se preparava para a vinda de seu Senhor.

Diz Ellen G. White: "João devia assumir a posição de reformador. Por sua vida abstinentemente e simplicidade de vestuário, devia constituir uma repreensão para sua época." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 69. Damos nós, que proclamamos diariamente o iminente reaparecimento de nosso Senhor, prova evidente de que também estamos fazendo o necessário preparo para levar o rebanho ao reino? *Temos dado motivo à crítica pela nossa desnecessária extravagância no vestir, na maneira de mobiliar nosso lar, ou nos carros que dirigimos? Professamos ser peregrinos que aguardam residência permanente na Canaã celestial, e contudo contradizemos esta profissão pelo fato de investirmos mais e mais em possessões precípuas e materiais da Terra?*

A mensagem do Batista era secundada por um viver temperante e modesto. Dia a dia obtinha vitória sobre a paixão e o apetite, e o Senhor o abençoava com forte constituição física e mente clara e penetrante. "Todos quantos querem aperfeiçoar a santidade no temor de Deus, têm que aprender as lições da temperança e do domínio próprio. Os apetites e paixões devem ser mantidos em sujeição às mais elevadas faculdades do espírito. Esta auto-disciplina é essencial àquela resistência mental e visão espiritual que nos habilitarão para compreender e praticar as sagradas verdades da Palavra de Deus." — *Idem*, pág. 70.

#### Uma Voz Corajosa

Este homem era um pregador corajoso. Reprovava a hipocrisia dos orgulhosos escribas e fariseus que buscavam o batismo como um meio de alargar-lhes a influência entre o povo. "Podia ficar ereto e destemido em presença de monarcas terrestres, porque se prostrara diante do Rei dos reis." — *Idem*, pág. 72.

Não é fácil apontar o pecado. Esta, porém, é a obra que o ministro consciencioso não pode negligenciar. Nesta hora em que muitos em nossas igrejas estão dormindo, é necessário chamar o pecado pelo seu nome exato. Deve soar o alarma para acordar.

Que Deus nos conceda um derramamento de Seu Espírito que nos habilite a unir nossas vozes num grande e irresistível apêlo: "Arrependei-vos, porque o reino do Céu está às portas."

## Origem da Designação "Lúcifer"

"Lúcifer" é palavra que entrou para a língua portuguesa através do latim (de *lucis*, luz, e *fero*, transportar, carregar) e significa etimologicamente "portador de luz". Corresponde ao grego "phosphoros" (de "phos, luz e "phoros", que transporta), e ao hebraico "ma'or", igualmente "portador de luz".

Os romanos denominavam "lúcifer" ao planeta Vênus, a "estrela da manhã", visto ser o corpo celeste de maior brilho depois do Sol e da Lua.

O profeta Isaías comparou o esplendor do rei de Babilônia a "lúcifer", estrela da alva, filho da manhã, portador de luz (*ma'or*). Isa. 14:12. Em II S. Ped. 1:19, Cristo é denominado "Estrela da alva" (*phosphoros*, portador de luz, no original grego). Na Vulgata, nessa passagem, está "lucifer" referindo-se a Cristo.

A aplicação do nome "Lúcifer" a Satanás tem-se feito a partir do século III da era cristã, por escritores da época, tendo em vista o texto de S. Lucas 10:18, que diz: "Eu via Satanás. como raio, cair do Céu."

A Igreja Adventista do Sétimo Dia aceita como válida essa designação, considerando-se sobretudo revelações do Espírito de Profecia que atestam a posição em extremo exaltada de Satanás antes da rebelião no Céu. Por insurgir-se contra a lei de Deus, e pela exaltação própria, perdeu esse anjo sua luminosa posição. "Foi assim que *Lúcifer* perdeu seu lugar no Céu." ( *O Conflito dos Séculos*, pág. 566). Oxalá Lúcifer continuasse sendo sempre Lúcifer. Não teria havido o tenebroso drama do pecado que, graças a Deus, está próximo do fim.

Apontamentos de A.B.C.



## A Semana de Oração

J. W. OSBORN

Pastor da igreja de Sligo, em Takoma Park, Maryland, EE. UU.



“NÃO me interessa em freqüentar a Semana de Oração que se realiza anualmente, porque ela é vazia e desinteressante. A semana é mal planejada ou mesmo nem sequer é planejada. Freqüentemente o dirigente nada mais faz que uma precária leitura da revista para essa semana.

Os comentários ligeiros e intermitentes a essa leitura são geralmente feitos de improviso, longos e maçantes. Prefiro ler em casa o texto da revista da Semana de Oração.” Este foi o comentário que certo membro me fez há alguns anos. Infelizmente, declarações idênticas têm sido ouvidas por muitos pastôres em tôdas as partes do país.

Atitude pior do que esta é revelada pela ausência de tantos aos cultos da Semana de Oração. Não fazem comentários desfavoráveis. Apenas se ausentam. Em algumas das grandes igrejas apenas pequeníssima parte de membros comparece à Semana de Oração. Isto em si constitui mudo testemunho de uma triste falta de interêsse. O que deveria ter sido um luzeiro espiritual da igreja naquele ano se torna, em muitos casos, apenas exercício de rotina espiritual superficialmente levado a efeito por causa dos poucos fiéis.

A Semana de Oração fôra originalmente destinada a ser fonte de grande inspiração espiritual e ajudar nosso povo. É a única época do ano em que nossas igrejas em tôda parte do mundo se une numa busca em comum de refrigério espiritual. Ao nos aproximarmos da vinda do Senhor isto deve tornar-se cada vez mais necessário.

Que se pode fazer para realçar o valor desta grande semana para nosso povo? Uma resposta é o reavivamento da Semana de Oração.

Tenho empregado êste plano por uma década e seus méritos se tornaram realidade. O bom êxito da Semana de Oração é resultado de prévio planejamento. O reavivamento da Semana de Oração consiste em duas partes, a leitura e o reavivamento.

Logo na primavera do ano deve-se fazer arranjos para que um revivalista dirija as reuniões tôdas as noites durante a Semana de Oração. Deve êle preparar sermões que satisfaçam as necessidades espirituais da igreja. O pastor pode oferecer-lhe valioso auxílio indicando algumas das necessidades específicas de sua congregação.

Caso não se possa conseguir os serviços de um revivalista, pastôres da vizinhança podem ajudar. Enquanto um pastor faz os planos publicitários em sua igreja para ressaltar o reavivamento, pastôres de distritos próximos podem organizar série de sermões a serem proferidos naquela igreja. Na semana seguinte isto pode ser invertido. Dessa forma, designando a Semana de oração numa igreja numa semana e outra na seguinte, o plano pode ser executado a inteiro contento.

Planos desenvolvidos não necessitam ser elaborados. A publicidade no boletim da igreja, do púlpito, ou por meio de uma carta pastoral com algumas semanas de antecedência é o suficiente. Em certos casos pode-se imprimir volantes para distribuição nas vizinhanças, convidando amigos da igreja a partilharem do banquete espiritual.

Os cultos são dirigidos tôdas as noites de domingo a sexta-feira e prosseguir em ambos os sábados. A congregação é convidada a comparecer ao culto de leitura do tópic da revista, o qual começa às 19:15 h e vai até 19:55 h. O pastor ou anciãos que leiam com clareza e tenham boa dicção são designados para esta tarefa. E devem ser indicados a fazê-lo com

antecedência de modo que se preparem para uma leitura interessante e bem feita. Devem ler sem fazer nenhum comentário. Depois de concluída a leitura podem ser feitos curtíssimos comentários para levar a congregação aos momentos de oração pelas suas necessidades, pelas necessidades alheias, e pelo êxito do reavivamento. Não apenas os "poucos fiéis" comparecerão, mas outros membros da igreja se juntarão a êles. Esta reunião, ou seja a segunda parte, é geralmente feita num cômodo menor ou outra dependência da igreja.

O culto de reavivamento é dirigido no salão principal da igreja às vinte horas. Quinze minutos antes de começar, deve-se ouvir música suave, quer em discos ou executada. Há alguns que vêm cedo ao reavivamento, e tarde de mais para o culto de leitura. Entre êles acham-se amigos das vizinhanças. Manter o salão da igreja arejado, bem iluminado e impregnado de boa música torna-o mais apelativo.

Os ministros estarão na plataforma às oito horas em ponto. Breve cântico religioso precede o discurso. Música vocal ou instrumental selecionada dá realce ao culto. Não há necessidade de fazer-se muitos anúncios, com exceção o do programa da noite seguinte.

Uma vez que a Semana de Oração vai de sábado a sábado, é aconselhável que o orador da Semana de Oração cuide de ambos os cultos da manhã de sábado. O culto do último sábado dar-lhe-á maior oportunidade de um encerramento com chave de ouro.

Caso o orador não possa estar presente nos sábados da Semana de Oração, o pastor pode

incumbir-se destes cultos. No entanto, a leitura da *Revista Adventista* da Semana de Oração não será tão eficaz como um sermão baseado nas leituras do sábado. Isto toma mais tempo e é mais difícil do que ler o que outrem escreveu. É possível, contudo, conservar as idéias do escritor do artigo e ainda extemporaneamente proferir um sermão. Verificou-se que grande porcentagem da congregação aprecia este processo. Os visitantes o apreciarão bastante. Poucas pessoas, dentro ou fora da congregação, se apazem em ouvir discurso lido. Uns poucos não apreciam o plano de reavivamento, mas a maioria o aprovará de todo o coração.

Que se pode esperar seguindo-se o plano de reavivamento na Semana de Oração? Para começar, você ajudará muito mais membros de sua congregação durante a semana. Não apenas ajudará os que estão dispostos a ouvirem a leitura mas grande número de outros que não viriam para ouvir um artigo lido. Estarão presentes no culto de reavivamento que se segue. Será ocasião de grande refrigério espiritual para a sua congregação. Dará incremento à fé dos fiéis. Ajudará a reduzir os apostatados à igreja. Elevará o grau de espiritualidade em sua igreja e fortalecerá os vínculos da unidade. Ajudará a alguns a buscarem o reino e tomarem posição ao lado de Cristo, e unirem-se a Sua igreja.

A Semana de Oração demonstrou-se ser uma grande bênção a muitos de nossos membros no decorrer dos anos. Sua influência pode ser grandemente aumentada empregando-se o plano de reavivamento na Semana de Oração. Por que não experimentar?

---

## Ganhando Pelo Amor

D. H. KRESS

Doutor em Medicina

**A**LIMENTAR nossos inimigos capturados ao invés de deixá-los morrer de fome constitui procedimento incomum, não em harmonia com o coração humano, que diz: "Se teu inimigo tiver fome, *deixa-o morrer à míngua*. É a prática em tempo de guerra. Aparentes vitórias têm sido ganhas desta maneira, mas o fato é que nenhuma vitória permanente em tempo algum se obteve pelo método de deixar morrer de fome.

É humano amarmos nossos amigos e detestar os inimigos. O ódio, porém, gera ódio. Disse Jesus: "Eu, porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem" (S. Mat. 5:44). Este é o método de Deus.

A maior vitória jamais ganha neste mundo foi conquistada no dia da crucifixão de Cristo, quando Êle proferiu a oração: "Pai, perdoa-

lhes, porque não sabem o que fazem” (S. Luc. 23:34). A morte de Cristo parecia ser uma derrota, mas de fato não o era, porque por meio de Sua morte Ele destruiu “o que tinha o império da morte, isto é, o diabo” (Heb. 2:14). Satanás, aquele que inspirou homens ímpios a matarem o Filho de Deus, selou sua própria sorte naquele dia. E virá o tempo em que todos os seres criados reconhecerão que o que parecia ser uma derrota na causa de Deus foi na realidade uma vitória.

Quando os exércitos da Síria guerreavam contra Israel, foram feridos de cegueira, e conduzidos pela mão de Deus a Samaria. O rei de Israel, vendo que eles estavam em seu poder, disse a Eliseu: “Feri-los-ei, ferir-los-ei, meu pai?”. Era a coisa mais natural sob aquelas circunstâncias, pois eram inimigos de Israel. O profeta, porém, dissera: “Não os ferirás. . . Põe-lhes diante pão e água, para que comam e bebam, e se vão para seu senhor.” O rei de Israel fez conforme lhe foi ordenado. “E apresentou-lhes um grande banquete, e comeram e beberam; e os despediu e foram para seu senhor.” Esta foi uma verdadeira vitória, pois teve o efeito de subjugar os exércitos da Síria, e a respeito lemos: “E não entraram mais tropas de sírios na terra de Israel” (II Reis 6:8-23). Alimentaram os inimigos capturados.

Quando Davi foi escolhido por Deus para ser rei de Israel, Saul, que lhe tinha inveja, perseguiu-o por anos, tentando matá-lo. No decorrer desse tempo, por duas vezes Saul caíra às mãos de Davi. Seus homens consideravam isto como um ato da Providência e insistiam com Davi para que o matasse. Davi, porém, somos informados, demonstrou bondade para com Saul, recusando-se feri-lo porque era ele o ungido de Deus. Quando Davi teve notícia da morte de Saul no campo de batalha, não manifestou nenhum prazer pela eliminação do inimigo. Dizem as Escrituras: “E prantearam, e choraram, e jejuaram até à tarde por Saul, e por Jônatas” (II Sam. 1:12).

Depois da morte de Saul, prosseguiu a guerra e Davi tomou a defensiva. “E houve uma longa guerra entre a casa de Saul e a casa de Davi; porém Davi se ia fortalecendo, mas os da casa de Saul se iam enfraquecendo” (II Sam. 3:1). O Deus de Israel estava com Davi

e lhe deu a vitória. Depois que a casa de Saul tinha quase desaparecido, Davi disse: “Não há ainda algum da casa de Saul para que use com ele de beneficência de Deus?” (II Sam. 9:3). Encontrou-se um a quem Davi disse: “Não temas, porque de certo usarei contigo de beneficência. . . e te restituirei tôdas as terras de Saul, teu pai” (versículo 7). Quando Davi prostrado pela dor e descalço, fugia de Jerusalém, perseguido por seus inimigos, “um homem da linhagem da casa de Saul, cujo nome era Simei . . . saindo, ia amaldiçoando enquanto saía. E apedrejava com pedras a Davi, e a todos os servos do rei Davi. . . E, amaldiçoando-o Simei, assim dizia: Sai, sai, homem de sangue, e homem de Belial” (II Sam. 16:5-7). Abisai, um dos servos de Davi, disse: “Deixa-me passar, e lhe tirarei a cabeça. Disse, porém, o rei: Que tenho eu convosco, filho de Zerua? Ora, deixa-o amaldiçoar. . . Porventura . . . o Senhor me pagarão com bem a sua maldição deste dia” (versos 9-12).

Quando o reino foi totalmente restaurado a Davi, este homem, Simei, foi o primeiro de seus inimigos a prostrar-se diante dele reconhecendo seu pecado. Disse: “Não me impute meu senhor a minha culpa, e não te lembres do que tão perversamente fez teu servo, no dia em que o rei meu senhor saiu de Jerusalém; não conserve o rei isso no coração. Porque teu servo deveras confessa que eu pequei; porém eis que eu sou o primeiro que de toda a casa de José desci a encontrar-me com o rei meu senhor” (II Sam. 19:19 e 20).

Disse Abisai: “Não morreria, pois, Simei por isto, havendo amaldiçoado ao ungido do Senhor? . . . E disse o rei a Simei: Não morrerás” (versos 21-23). Não houve ódio no coração de Davi. Amou seu mais rancoroso inimigo. Venceu o mal com a bondade. Nisto foi um representante dAquele cujas palavras proferidas ao morrer a respeito de Seus inimigos foram: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

Podemos nós, os que vivemos nos últimos dias da história terrestre, fazer menos? Se temos inimigos, amemo-los agora durante a proclamação da mensagem e finalmente no aprisco de Deus.

## Evitar a Crítica

“Lembra-vos de que o que toma a posição de crítico, enfraquece grandemente as próprias mãos. Deus não constituiu dever de nenhum homem, de mulher alguma, criticar seus coobreiros.”  
— *Review and Herald*, 2 de setembro de 1902.



## Inércia Perniciosa

DON H. SPILLMAN

Evangelista da União Pacífico Norte

**C**REIO no evangelismo da escola sabatina; creio no evangelismo das Dorcas; creio no evangelismo dos leigos; e certamente creio que há ainda um lugar para o evangelismo público em nosso movimento.

Discutimos hoje os prós e contras da campanha evangelísticas de três semanas, de três meses, de seis meses, da reunião evangelística de domingo à noite, das conferências feitas em teatro, em salões e na igreja. Paulo Campbell e eu levamos a efeito dez séries de conferências no centro da Califórnia há alguns anos. Nove delas realizaram-se em igrejas adventistas, algumas até bem pequenas, e batizaram-se 235 pessoas com pouco ônus para a Associação. Conhecemos alguma coisa dêste trabalho.

O mérito de qualquer processo sôbre outro não nos deve interessar tanto quanto o fato de que devemos escolher *algum* processo de evangelizar, e *realizar algum evangelismo* cada ano. Tendo exercido o pastorado, sei que os pastôres se ocupam em fazer casamentos, enterrar pessoas, acertar problemas de membros, e outras coisas mais, até que o diabo nos assegure não dispormos de tempo para reuniões públicas de evangelismo. Além disso, podemos dizer, suponhamos que tentemos o evangelismo e depois fracassemos? Francamente, a maior razão que há entre nós para não realizar a obra evangelística é a moléstia a que denomino de "inércia perniciosa," e receio que todos nós, numa ou noutra ocasião, temos sido atacados por ela. Quando somos acometidos por ela, o tempo se nos afigura demasiado quente ou demasiado frio; ou não temos auxílio suficiente; ou não dispomos de um belo teatro ou salão onde realizar as reuniões. Por essa ocasião a Recolta está terminada, e campanhas em favor das nossas revistas estão à vista, há os acampamentos e outras coisas que cuidar. Oh, sim a inércia perniciosa é moléstia

que pode afetar tanto o corpo como a mente.

Um jovem deixou o Seminário e lhe foi designado um distrito para trabalhar. Imediatamente seus companheiros da mesma classe sentiram-se como fracassados se não fôsem também imediatamente designados para algum distrito. Outro jovem promissor se torna departamental, e seus colegas o invejam e julgam que eles também devem obter um departamento para dirigir. Irmãos, peço a Deus que vos introduza no coração a jubilosa compreensão de que a maior obra no mundo é a de ganhar almas, *saindo para as linhas de fogo de Deus*. E assim digo: possa Deus abençoar os homens que se esforçam em ganhar almas, seja pelas conferências de três dias, de três semanas ou de três meses.

Ao ser convidado a falar sôbre processos de evangelizar hoje, senti-me como a estimada velha mãe, convidada de honra num banquete. Após a refeição, o mestre de cerimônias levantou-se e disse: "Somos neste instante grandemente honrados em ter conosco a Sra. .... Ela nos fará um discurso sôbre a educação de filhos." A Sra. .... levantou-se, e disse: "Tive apenas onze filhos. Nada entendo de educação de filhos," e sentou-se. Depois de ter realizado quinze séries de conferências, indo desde o processo de três semanas até o de seis meses, honestamente julgo saber muito pouco acêrca de como ganhar almas. De uma coisa estou certo: é de que o evangelismo se torna mais difícil em muitas regiões, e isto é uma razão por que devemos ter mais homens realizando obra evangelística. Então devemos esperar melhores resultados do que os obtidos no passado.

Sugeriu-se que eu dissesse também algo acêrca das séries mais extensas, sôbre as campanhas de três meses ou a de seis meses, que nos E.E. U.U. se fazem no inverno, com exceção dos

dias próximos a feriados, e incluindo a segunda metade da campanha a ter início em começos de fevereiro. Quero prosseguir favorecendo esta espécie de campanha, por várias razões.

1. Ela fortalece a fé de nossos próprios membros.

2. Ela forma membros bem firmados.

3. Muitos dos melhores elementos decidem-se unir-se a nós durante a segunda metade da campanha. Muitas famílias cristãs levam longo tempo a se decidirem a esta tão importante mudança na vida espiritual.

4 A segunda metade da série de conferências fortalece aqueles que começaram a freqüentar durante a primeira metade.

Uma das melhores maneiras de se conseguir isto, creio, é a classe bíblica de sábado de manhã. Depois de têrmos apresentado o assunto do sábado nas conferências, convidamos os interessados a freqüentarem a classe bíblica às 9:30 h no sábado seguinte. Esta classe prosseguirá até vinte ou vinte e cinco semanas com excelentes resultados. Usaremos uma sala grande contendo piano e quadro-negro, tendo sempre música religiosa, oração, variação, leitura da carta missionária, oferta missionária, mais música especial, e finalmente o estudo da lição. A primeira coisa que se pede a êsses membros é que aprendam os livros da Bíblia. Podemos distribuir pequenos retângulos de papel contendo textos bíblicos e fazer um torneio amistoso entre os homens e mulheres para ver os que localizam primeiro a passagem. Todos devem trazer uma Bíblia, mas devemos estar preparados para emprestar algumas se fôr necessário. Tôdas as nossas doutrinas e crenças fundamentais devem ser apresentadas na classe nas semanas em que ela funcionar, e os textos devem ser escritos no quadro-negro para que os membros os copiem se o desejarem. Os que vamos batizar, e que provenham desta

classe devem ouvir a mensagem não apenas nas reuniões da noite, mas também na classe bíblica dos sábados de manhã e muitos dêles ficam também para o culto da segunda hora. Por conseguinte, ficam bem informados a respeito da Bíblia e sua mensagem para êstes tempos.

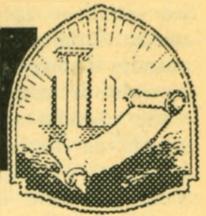
Creio que, se como evangelistas e pastôres, seguirmos normas como estas, não somente ganharemos pessoas para Cristo mas também faremos dêles verdadeiros adventistas do sétimo dia e guardadores do sábado.

Usaremos bastante música em nossas reuniões, como também filmes com movimento e chapinhas — as melhores que possamos conseguir. Porém nossa classe bíblica de sábado de manhã é talvez o mais eficaz plano evangelístico, uma completa agência de ganhar almas.

Para finalizar, repito: Todos planejemos realizar alguma espécie de evangelismo êste ano e todos os anos até que o Senhor venha. Esqueçamo-nos das desculpas satânicas — a multiplicidade de detalhes parece que nos asfixia por vêzes. Esqueçamo-nos da inércia perniciosa e realizemos séries de conferências seja de três, seis, dez, doze semanas ou seis meses — mas *façamos alguma coisa!* Direis: Tinha em vista de fazer isto há muito tempo." Dwight L. Moody achava-se certa vez numa reunião da escola dominical quando uma idéia particularmente boa foi apresentada. Voltou-se para o superintendente e disse: "Não é esta uma excelente idéia? Que pensa dela?" O superintendente respondeu: "Tivemos em vista fazer exatamente isto há cêrca de dois anos." Moody replicou: "Ter em vista? Por dois anos? O senhor não vê que está quase no tempo de deixar o cargo?" Talvez esta apropriada ilustração inspire os obreiros hesitantes a se empenharem em algum esforço de ganhar almas a despeito dos muitos obstáculos que há no moderno evangelismo.

## Quando Não Temos Luz

"Têm-nos chegado cartas acêrca de assuntos sôbre os quais Deus não nos deu nenhuma luz, e de boa vontade dizemos a êsses indagadores: *Não sabemos* . . . Os que são tão curiosos de descobrir coisas que não foram dadas a conhecer nas Escrituras, são geralmente os estudantes superficiais no que respeita aos assuntos de importância na vida diária e na prática . . . *Temos de revelar ao mundo aquilo que Deus tem achado necessário revelar-nos. Não estamos fazendo a vontade de nosso Pai celeste quando especulamos acêrca de coisas que Ele achou por bem não vos revelar.*" — Manuscrito 104, 1898.



## Foram a Terra e o Universo Estelar Criados Simultaneamente?

ROBERTO LEO ODOM

Redator do "Index to the Writings of Ellen G. White"



**O**S adventistas do sétimo dia crêem que a Terra foi criada há aproximadamente 6.000 anos,<sup>1</sup> sem contudo tentarem precisar a data exata. Consideremos a Terra como um "pequeno mundo,"<sup>2</sup> uma "mancha de um mundo,"<sup>3</sup> e um "átomo de mundo."<sup>4</sup> "Este mundo não é se-

não um pequeno átomo no vasto domínio que Deus preside."<sup>5</sup> Além de nosso planeta, há "mundos inumeráveis,"<sup>6</sup> "milhões de mundos,"<sup>7</sup> "mundos incontáveis,"<sup>8</sup> "mundos sem conta."<sup>9</sup>

Além disso, cremos que a Terra veio à existência pelo "faça-se" divino, consoante declaração em Gênesis 1, e não por longos processos evolucionários supostos por alguns cientistas. Nosso ponto de vista se declara desta forma:

A teoria de que Deus não criou a matéria ao trazer o mundo à existência, não tem fundamento. Na formação de nosso mundo, Deus não dependia de matéria preexistente. Ao contrário, todas as coisas, tanto materiais como espirituais, surgiram diante do Senhor Jeová à Sua voz e foram criadas para Seus próprios desígnios. Os céus e todo o seu exército, a Terra e todas as coisas que há nela, não são exclusivamente obra de Sua mão; vieram à existência pelo sopro de Sua boca. "Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente." Hebreus 11:3. "Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito de Sua boca... Ele falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu." Sal. 33:6 e 9. (10)

Na criação da Terra, Deus não estava na dependência de matéria preexistente. "Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu." Sal. 33:9. Todas as coisas, materiais ou espirituais, apareceram diante do Senhor Jeová à Sua palavra, e foram criadas para Seu próprio desígnio. Os céus e todo o seu exército, a Terra e tudo quanto nela há, vieram à existência pelo sopro de Sua boca. (11)

"A idéia errônea em que muitos incorrem, de que Deus não criou a matéria ao trazer o mundo à existência, limita o poder do Santo de Israel."<sup>12</sup> "A energia criadora que trouxe à existência os mundos, está na palavra de Deus."<sup>13</sup>

Crendo embora que a Terra e os outros mundos foram criados pela ordem divina, os adventistas do sétimo dia não ensinam que todos os mundos do universo estelar foram criados *ao mesmo tempo* em que a Terra o foi. Isto é, não sustentamos que todo o restante do cosmos foi formado no decorrer dos seis dias da criação da Terra como se acha narrado no Gênesis capítulo primeiro. Em nosso pensar, a vasta expansão do espaço que presentemente contém as inumeráveis estrelas e outros corpos celestes, não era sem forma e vazia até que nosso pequeno mundo se formasse.

Em artigo anterior intitulado "Quando Ocorreu a Queda de Satanás?"<sup>14</sup> declaramos que a rebelião de Satanás iniciou-se muito tempo antes, e que sua expulsão do Céu ocorrera não muito antes, da criação da Terra. Cremos que era plano de Lúcifer induzir os habitantes dos muitos mundos a se juntarem à sua revolta.

As perguntas que Deus fizera a Jó para que este respondesse indicam que outros corpos celestes já existiam quando a Terra foi criada. Dissera ao patriarca: "Onde estavas tu, quando Eu fundava a Terra? Faze-me saber, se tens inteligência. Quem lhe pôs as medidas, se tu o sabes? ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina, quando as estrelas da alva juntamente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38:4-7). Esta menção a "estrelas da alva"

regozijando-se na ocasião em que a Terra fôra criada, implica certamente que se tratava de mundos habitados que existiam antes do nascimento de nosso planeta.

Ao planejar a revolta contra Deus antes da criação da Terra, Satanás não tinha em mente limitar a rebelião exclusivamente aos anjos. Visava também os muitos mundos que Deus criara. Conquanto não manifestasse abertamente seus propósitos, no entanto dizia em seu coração: "Eu subirei ao céu, acima das estrêlas de Deus" (Isa. 14:13). Dessa forma o príncipe do mal planejou estabelecer um govêrno independente de Deus e exercer mando nos corpos celestes denominados "as estrêlas."

Deixando seu lugar na presença imediata do Pai, Lúcifer saiu a difundir o espirito de descontentamento entre os anjos. Ele agia em misterioso segredo, e durante algum tempo escondeu seu propósito real sob uma aparência de reverência para com Deus. Começou a insinuar dúvidas com respeito às leis que governavam os seres celestiais, dando a entender que, conquanto pudessem as leis ser necessárias para os habitantes dos mundos, não necessitavam de tais restrições os anjos, mais elevados por natureza, pois que sua sabedoria era um guia suficiente. (15)

O govêrno de Deus incluía não somente os habitantes do Céu, mas de todos os mundos que Ele havia criado; e Lúcifer concluiu que, se êle pôde levar consigo os anjos do Céu à rebelião, poderia também levar todos os mundos. (16)

Isto é parte da resposta à pergunta: Por que Deus não destruiu Lúcifer imediatamente após ter êle começado a rebelião? "Os habitantes do Céu, e dos mundos, não estando preparados para compreender a natureza ou consequência do pecado, não poderiam ter visto então a justiça de Deus na destruição de Satanás." 17

Embora não fôsse destronado, Satanás foi expulso do Céu. Esta expulsão ocorrera antes da criação da Terra. "Os anjos no Céu lamentaram o destino dos que haviam sido seus companheiros na felicidade e na glória. Sua perda foi sentida no Céu. O Pai consultou Seu Filho a respeito de imediatamente executar o propósito de criar o homem para habitar a Terra." 18

Lúcifer desejava ser o primeiro no Céu. Dessa forma introduziu êle o pecado no universo. Entrando no Jardim do Eden após sua expulsão do Céu, foi bem sucedido em enganar nossos primeiros pais. Desde então, reclamou como seu êste mundo. (19)

"Como os habitantes de todos os outros mundos, êle [o homem] deveria ser sujeito à prova de obediência; mas nunca é uma coisa forçosa." 20 Até que deixasse de provar fidelidade sob a prova da obediência, o homem era feliz no lar edênico, onde estudava as maravilhosas obras de Deus no mundo natural. "A glória de Deus nos céus, os mundos inumeráveis em suas ordenadas revoluções, 'o equilíbrio das grossas nuvens,' (Jó 37:16) os mistérios da luz e do som, do dia e da noite, tudo estava patente ao estudo de nossos primeiros pais." 21

Quando os adventistas do sétimo dia se tornaram amplamente conhecidos, há algumas décadas, pela sua forte oposição às investidas dos advogados da teoria da evolução em desacreditarem o relato da criação da Terra como está em Gênesis 1, repetíamos freqüentemente a declaração divinamente inspirada de que "em seis dias fêz o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo que nêles há, e ao sétimo dia descansou" (Êxo. 20:11; 31:17). Considerando que a batalha contra o evolucionismo era travada principalmente sobre o assunto da origem da Terra e das criaturas que há nela, pouco ou nada se dizia em relação ao restante do universo. Daí alguns, mesmo em nossas fileiras, terem suposto que a declaração da Escritura de que "em seis dias fêz o Senhor os céus e a Terra, o mar, e tudo que nêles há," significa que todo o espaço cósmico e "tudo que nêles há" foram criados em seis dias, nos mesmos em que a Terra fôra criada.

Sendo um jovem ministro naquela ocasião, tornei-me um tanto perplexo em meu estudo de Gênesis 1 e outras passagens bíblicas relacionadas. Conquanto estivesse fortemente convencido de que todo o universo material viera à existência pela divina ordem da Criação e não por algum processo a longo prazo, contudo não podia crer que todo o universo estelar fôra criado nos seis dias em que a Terra o fôra. "É possível," perguntava-me a mim mesmo, "que nosso Criador, o imortal, eterno e onipotente Deus, existia só e num vácuo até que criasse a Terra há aproximadamente 6.000 anos? Estaria eu enganado se admitisse, ao debater o assunto com pessoas inteligentes, que a origem dos outros corpos celestes tenha antecedido a da Terra em milhões ou mais de anos?"

Assim, sentei-me um dia e fiz uma lista dos principais ministros e professores adventistas do sétimo dia que se destacavam entre nós como estudantes da Bíblia, especialmente os mais notáveis na defesa da doutrina do criacionismo contra as hipóteses do evolucionismo. Escrevi uma carta a cada um dêles, e expus minha perplexidade e minhas perguntas. Tôdas as cartas foram respondidas, e sem exceção cada resposta tornava claro que seu autor não cria que todo o universo cósmico fôra criado nos seis dias em que o mundo fôra feito. Cada remente concordava que sem dúvida muitos dos corpos celestes vieram à existência muito antes que fôsse criado nosso pequeno mundo. As palavras "céu" e "céus", na narrativa da criação da Terra, eram entendidas como se referindo primacialmente ao céu ou ar atmosférico que envolve o globo terrestre.

Num ponto somente havia alguma diferença de opinião expressa entre os remetentes das

cartas. Alguns pensavam que o relato da Criação como está em Gênesis 1, relacionava-se antes de tudo com a origem da Terra e não ao restante universo estelar. Outros pensavam que a descrição da Criação provavelmente inclui todo o sistema solar ao qual pertence a Terra, porque o registro do Gênesis fala não apenas do Sol e da Lua mas também "as estrêlas" (Gên. 1:16).

Embora o relato da criação da Terra mencione o Sol, a Lua e "as estrêlas," não podemos ainda falar em caráter definitivo a respeito da idade da Terra em relação à idade do restante do sistema solar. Contudo, a idéia de que todo o sistema solar possa haver sido criado no sexto dia do período da criação da Terra merece consideração. Nos tempos em que as Escrituras foram escritas costumava-se geralmente falar dos planetas visíveis do sistema solar simplesmente como "estrêlas" ou "estrêlas errantes". Ainda comumente falamos delas como "estrêlas da noite" e "estrêlas da manhã." Afirma Ellen G. White que "a Lua e as estrêlas de nosso sistema planetário resplandecem pela luz refletida do Sol."<sup>22</sup> Pela palavra "estrêlas" nesta passagem ela quer significar os orbes planetários que, não irradiando luz própria, brilham pelo refletir a luz que recebem do Sol. Assim há a possibilidade de que a expressão "e as estrêlas" em Gênesis 1:16 pode referir-se aos planetas de nosso sistema solar.

Em resumo, conquanto seja verdade que os adventistas do sétimo dia firmemente sustentam que a Terra foi criada pela ordem divina no período de seis dias há aproximadamente 6.000 anos, não argumentamos que todo o uni-

verso cósmico tivesse origem naquela ocasião. Há a possibilidade de que o restante de nosso sistema planetário fôsse então trazido à existência. Contudo, não falamos dogmáticamente sobre este ponto. Outros corpos celestes existiam antes que nosso mundo fôsse criado. Não nos abalançamos a dizer quão mais idosos são do que a Terra, porque as Escrituras não nos dizem especificamente quando foram criados. Muitos deles podem ter milhões de anos a mais do que o pequeno planeta que habitamos.

#### BIBLIOGRAFIA

- 1 - O Desejado de Todas as Nações, pág. 310; Fundamentals of Christian Education, págs. 22 e 23; O Conflito dos Séculos, págs. 10, 561, 599, 708, 711, 726; Patriarcas e Profetas, pág. 367; Testimonies, Vol. 3, pág. 138.
- 2 - O Desejado de Todas as Nações, págs. 13 e 18; Patriarcas e Profetas, pág. 74.
- 3 - Parábolas de Jesus, pág. 176; O Desejado de Todas as Nações, pág. 264.
- 4 - Conselhos aos Professores, pág. 60.
- 5 - Testimonies to Ministers, pág. 324. (Ver também Parábolas de Jesus, pág. 190.)
- 6 - Educação, pág. 27; Patriarcas e Profetas, pág. 44.
- 7 - Santificação, pág. 77; Testimonies, Vol. 4, pág. 653.
- 8 - Santificação, pág. 75.
- 9 - Conselhos aos Professores, pág. 60; Educação, pág. 99; O Conflito dos Séculos, págs. 702.
- 10 - Testemunhos Seletos, Vol. 3, págs. 259 e 260.
- 11 - A Ciência do Bom Viver, pág. 366.
- 12 - Ellen G. White em Signs of the Times, 13 de março de 1884.
- 13 - Educação, pág. 126.
- 14 - The Ministry, janeiro de 1959, págs. 43 e 44.
- 15 - Patriarcas e Profetas, pág. 27.
- 16 - Idem, pág. 32. (Ver também O Conflito dos Séculos, pág. 538.)
- 17 - Patriarcas e Profetas, pág. 33. (Ver também O Conflito dos Séculos, págs. 538 e 539.)
- 18 - The Story of Redemption, pág. 19.
- 19 - Ellen G. White em Signs of the Times, de 10 de junho de 1903, pág. 2.
- 20 - Patriarcas e Profetas, pág. 359.
- 21 - Idem, pág. 44 (Ver também Educação, pág. 21.)
- 22 - Educação, pág. 14; Obreiros Evangélicos, pág. 50.

## O Início do Tempo do Juízo

(Continuação da página 23)

agora êle deveria entender o assunto e considerar a visão [mar'eh].

### 6. O Significado do Fato de Que Muitos Expositores da Bíblia Reconheceram Esta Ligação

Para dados mais completos o leitor é remetido ao *The Prophetic Faith of Our Fathers*, de L. E. Froom. Faremos apenas uma citação: "Esta profecia cronológica... [Daniel 9] certamente designava-se a explicar a visão precedente [capítulo 8], especialmente na sua parte cronológica de 2300 dias." - William Hales, em *A New Analysis of Chronology*, 1833, Vol. 2, pág. 517.

O que segue, excertos de escritos de Ellen G. White deve também ser cuidadosamente observado:

Fervorosamente buscou Daniel o sentido da visão. Não podia entender a relação estabelecida do cativo de setenta anos, como predita por Jeremias, com os dois mil e trezentos anos que em visão ouvira o visitante celestial declarar deviam decorrer antes da purificação do santuário de Deus. O anjo Gabriel lhe dera uma

interpretação parcial; contudo ao ouvir o profeta as palavras "A visão... é para muitos dias," êle desmaiou. "Eu, Daniel, enfraqueci," assim registá êle sua experiência, "e estive enfermo alguns dias; e então levantei-me e tratei do negócio do rei. E espantei-me acêrca da visão, e não havia quem a entendesse." - *Prophets and Kings*, pág. 554.

Contudo Deus ordenara a Seu mensageiro: "Dá a entender a êste a visão." Esta incumbência tinha que ser satisfeita. Em obediência a ela, o anjo, algum tempo depois, voltou a Daniel, dizendo: "Agora sai para fazer-te entender o sentido;" "toma, pois, bem sentido na palavra, e entende a visão." Havia um ponto importante na visão do capítulo oito, um ponto importante que tinha sido deixado sem explicação, a saber, o que se refere ao tempo, ou seja, ao período dos 2.300 dias; portanto o anjo, reencetando a explicação, ocupa-se principalmente do assunto do tempo...

O anjo fôra enviado a Daniel com o expresso fim de lhe explicar o ponto que êle tinha deixado de compreender na visão do capítulo oito, a saber, a declaração relativa ao tempo: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado." - *O Conflito dos Séculos*, págs. 351 e 352.

Creemos que estas considerações nos dão razões corretas, lógicas e sólidas para nossa crença, não apenas no aspecto pré-advento do juízo como também quanto ao tempo em que essa fase do juízo já se iniciou; a saber, em 1844, no encerramento da profecia dos 2.300 anos.

# O Início do Tempo do Juízo

W. E. READ

Redator da Revista "Israelite"



**C**ONSIDEREMOS agora o tempo em que terá início este juízo. Se as Escrituras declaram que haverá um juízo, não podemos então esperar que Deus revele também o tempo em que esta fase do julgamento terá início?

## I. Considerações Preliminares Quanto ao Tempo

### 1. O Princípio do Dia-ano

Através dos anos temos empregado dois períodos de tempo ao tratar da questão de quando começa este julgamento pré-Advento: o dos 2.300 dias (Dan. 9:14) e o das 70 semanas (Dan. 9:25). O período de 2.300 dias liga-se à profecia simbólica de Daniel 8. Esta profecia está na forma de quatro símbolos—o carneiro, o bode, a ponta pequena e os 2.300 dias. Se "dia" é um símbolo em profecia, e o período de 70 semanas se deve entender como chave para a compreensão da profecia dos 2.300 dias, devemos tomar o período de 70 semanas em linguagem literal. À luz deste procedimento, é interessante notar que uma tradução mais correta da palavra hebraica *shabu'a*, traduzida em nossas bíblicas como "setenta semanas", é "setenta semanas de anos," como encontramos nas versões inglesas de Goodspeed, Rotherham, Moffat e a Revised Standard Version.

### 2. A Ampla Extensão das Profecias de Daniel

O longo alcance das profecias de Daniel nos leva além dos dias daquele profeta. De fato, em alguns pontos dos capítulos 7 a 12 somos levados adiante para o tempo do fim e do estabelecimento do eterno reino de Deus.

A natureza progressiva deste desenrolar é vista na sucessão de quatro grandes impérios de Daniel 7, isto é, de Babilônia a Roma. Daniel conhecia estas coisas por revelação, e pôde ver algum cumprimento em seus dias pelo olhar da fé, contudo certamente não viveu para presenciar o pleno desenvolvimento entre as nações.

a. A referência de Daniel ao "entendimento" das profecias

Muitas coisas Daniel entendeu. Estas tinham aplicação local: "Eu... entendi pelos livros

que o número de anos" (Dan. 9:2) e ele "teve entendimento da visão" (Dan. 10:1).

Houve muitas coisas que ele não entendeu. Estas tinham aplicação futura: "Eu, pois, ouvi, mas não entendi" (Dan. 12:8); "Entende, filho do homem, porque esta visão se realizará no fim do tempo" (Dan. 8:17).

b. As referências de Daniel ao "tempo do fim"

"Esta visão se realizará no fim do tempo" (Dan. 8:17); "...o que há de acontecer ao teu povo nos derradeiros dias; porque a visão é ainda para muitos dias" (Dan. 10:14); "Porque o fim há de ser no tempo determinado" (Dan. 11:27); "Até ao tempo do fim" (Dan. 12:9); "Tu, [Daniel], vai até ao fim; porque repousarás, e estarás na tua sorte, no fim dos dias" (Dan. 12:13).

c. As referências de Daniel ao reino de Deus

O ponto culminante destas profecias é o estabelecimento do reino de Deus. Eis alguns exemplos:

Daniel 2:44: "Mas nos dias destes reis, o Deus do Céu levantará um reino que não será jamais destruído: ... e será estabelecido para sempre."

Daniel 7:18: "Os santos do Altíssimo receberão o reino, e possuirão o reino para todo o sempre."

Dan. 7:27: "E o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo: o Seu reino será um reino eterno, e todos os domínios O servirão, e Lhe obedecerão."

d. As referências de Daniel às profecias do tempo

(1) Os 3½ tempos ou 1260 dias (Dan. 7:25; 12:7). Ver também Apocalipse 12:14; 13:5.

(2) Os 2300 dias (Dan. 8:14).

(3) As 70 semanas (Dan. 9:24).

(4) Os 1290 dias (Dan. 12:11).

(5) Os 1335 dias (Dan. 12:12).

Reconhecendo em geral a aplicação do princípio do dia-ano na interpretação destes períodos de tempo, verificamos que todos avançam para o futuro, e na maioria dos casos, ao "tempo do fim." O período de 70 semanas de anos foi de curta duração comparado com os outros, mas mesmo este foi em grande parte futuro nos dias de Daniel, pois continha referência à vinda do Messias, a Seu batismo, à extensão

de Seu ministério, e à Sua morte na cruz do Calvário. Outras profecias, como o período de 1260 dias, que continham referências ao poder perseguidor já referido, abrangem acontecimentos durante os séculos 533-538 a 1793-1798. O mesmo princípio aplica-se à profecia de 1290 dias e, particularmente, à profecia de 2300 dias. Como as outras estendem-se para o futuro, não seria senão natural que esta profecia dos 2300 dias alcançasse seu cumprimento nos dias finais da história da Terra.

e. *A referência de Daniel à "abominação da desolação"*

Esta expressão devia ter tido aplicação irrelevante e muito restrita nos dias de Daniel. Certamente tinha ela aplicação mais ampla e completa seguindo o ministério de nosso Senhor na Terra. Ele próprio chamou atenção para esta profecia que se cumpriu sem dúvida na destruição de Jerusalém no ano 70 de nossa era. (Ver S. Mat. 24:15 e S. Mar. 13:14).

Podemos mesmo ir além da aplicação da destruição de Jerusalém. Esta profecia da "abominação da desolação" também é de mais ampla aplicação, e vai mesmo aos "últimos dias."

O bispo C. Wordsworth, anota o seguinte sobre S. Mat. 24:15:

"Mas a referência a Daniel, feita por nosso Senhor nesta Sua profecia concernente a Judeia e ao mundo, mostra que a predição de Daniel não se havia ainda realizado, mas deveria ter cumprimento mais adiante em Jerusalém e também na igreja em geral. — *Comentary*, pág. 86.

Na igreja cristã, a profecia de nosso Senhor concernente ao estabelecimento de uma abominação de desolação no Lugar Santo, parece ter-se cumprido em parte pelo estabelecimento do bispo de Roma, no altar de Deus, na catedral de São Pedro [em Roma]. — *Idem*, pág. 87.

Escreve a respeito Ellen G. White:

Jesus não respondeu aos discípulos falando em separado da destruição de Jerusalém e do grande dia de Sua vinda. Misturou a descrição dos dois acontecimentos. . . . Por misericórdia com eles, Jesus misturou a descrição das duas grandes crises, deixando aos discípulos o procurar por si mesmos a significação. Ao referir-se à destruição de Jerusalém, Suas palavras proféticas estenderam-se para além daquele acontecimento, à conflagração final do dia em que o Senhor se levantará. . . . Todo esse discurso foi dado, não para os discípulos somente, mas para os que haveriam de viver nas últimas cenas da história terrestre. — *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 469 e 470.

f. *A referência de Daniel à natureza e obra da "ponta pequena"*

Mais referência é feita deste aspecto da profecia de Daniel do que de qualquer outro símbolo. Uma porção de versículos nas várias linhas da profecia se liga à sua descrição. Em Daniel 7 há cinco versículos; em Daniel 8 há oito; em Daniel 11: há vinte versículos.

Em Daniel 7 a "ponta pequena" de versos 20-25 é descrita como tendo "olhos", "uma boca que falava grandiosamente," e "cujo parecer era mais firme do que o das suas companheiras" (verso 20). Mais adiante lemos

que ela "fazia guerra contra os santos" (verso 21) e "destruirá os santos do Altíssimo" (verso 25). Ela "cuidará em mudar os tempos e a lei" e continuou por "um tempo, tempos e metade de um tempo" (verso 25).

Em Daniel 8 a "ponta pequena" aplicada a Roma pagã e papal é descrita de modo diferente. A ênfase neste capítulo é sobre sua relação com o santuário, com o culto a Deus e com a obra redentora do Messias. Isto é evidente no fato de que "se engrandeceu até ao príncipe dos exércitos" (Dan. 8:11). No verso 25 isto é interpretado para significar "contra o Príncipe dos príncipes," o qual não é outro senão o Messias, nosso bendito Senhor.

Em Daniel 11 a "ponta pequena" é ainda descrita, e o que foi mostrado a Daniel é ampliado nos capítulos 7 e 8. Pormenores posteriores são dados, mas é assegurado ao profeta que "virá o fim, e não haverá quem o socorrá" (Dan. 11:45).

g. *A referência de Daniel ao "contínuo"*

A expressão "sacrifício contínuo" [diário] é encontrada cinco vezes nas profecias de Daniel: 8:11, 12 e 13; 11:31; e 12:11.

Como é bem de ver, a palavra "sacrifício" está em itálico e indica ser palavra suprida pelos tradutores a fim de dar o que eles pensavam ser o sentido original da palavra *tamid*. *Tamid* é geralmente traduzido por *contínuo*, *sempre*, *diário*, *perpétuo*, *para sempre*. Um estudo acurado do emprêgo desta palavra hebraica indica que *tamid* é freqüentemente aplicada às ofertas sacrificiais da manhã e da tarde, e algumas das palavras acima mencionadas são empregadas em referência a estas ofertas. Por exemplo, a palavra *perpétuo* em duas ocasiões de seu emprêgo; *diário*, em sete ocasiões; *contínuo* em mais de vinte, além de outras.

Sendo assim em relação ao culto da manhã e da tarde no santuário típico, pode-se concluir que assim será também no serviço antitípico no santuário celestial. Lá representaria certamente o contínuo ministério do Senhor como nosso grande Sumo Sacerdote. O livro de Hebreus colheu êste sentido, como pode ser visto na declaração de que Cristo "permanece eternamente" (Heb. 7:24). Nosso Senhor "permanece sacerdote *para sempre*" (Heb. 7:3).

O serviço diário no santuário terrestre, compreendendo o sacrifício da manhã e da tarde — o *tamid* (hebraico), ou "contínuo" — prefigurava adequadamente a contínua eficácia do sacrifício de Cristo nosso Senhor, efetuado na cruz do Calvário. O Cristo ressurreto, nosso sumo sacerdote ministrante, "vivendo sempre para interceder" (Heb. 7:25) por nós. Por isso entendemos ser Seu ministério celestial a mediação de Sua expiação completa e sempre eficaz, a qual Ele realizou e completou na cruz em favor do homem, aplicando essa expiação individualmente ao pecador quando este aceita a Cristo como seu Salvador pessoal. — *Questions on Doctrine*, pág. 264.

Estas considerações realçam que, no essencial, as profecias de Daniel tiveram seu cumpri-

mento depois de seus dias, e, de fato, a longa distância no futuro, aliás no “tempo do fim.” Uma Bíblia (*The Holy Scriptures*, Jewish Publishing Society) traduz Daniel 8:17 “a visão pertence ao tempo do fim,” e a versão Rotherham o faz assim: “ao tempo do fim pertence a visão.”

## II. A Originalidade da Visão de Daniel 8 e 9

Há algo original acerca da visão de Daniel 8 e 9. Ela difere das visões de Daniel 2 e 7. Em Daniel 2, os reinos do mundo são descritos a Nabucodonosor como metais valiosos — ouro, prata, cobre e ferro; e depois como animais selvagens e vorazes.

Em Daniel 8, contudo, embora se faça referência a dois reinos sob símbolos de animais, não se trata de animais selvagens mas de animais domésticos, e o fato significativo é que tanto o carneiro como o bode eram animais empregados no serviço sacrificial no santuário de Israel.

A originalidade desta profecia é que ela diz respeito ao santuário de modo saliente. Isto se pode ver nas seguintes referências: Ao “contínuo”, Daniel 18:11, 12 e 13; ao santuário, 8:11, 13 e 14; à profanação do santuário, 8:11 e 13; 9:17; à oblação da tarde, 9:21; à purificação do santuário, 8:14; à cessação do serviço sacrificial, 9:27.

A referência a reinos mundiais é apenas para dar o contexto para o tema principal, o plano de Deus para remir o homem da iniquidade. O período de setenta semanas revela a cruz, o ato redentor e sacrificial de nosso bendito Senhor, o Messias, e o tempo em que *Ele começa Seu ministério sacerdotal no santuário celestial*. O período de 2.300 dias revela o tempo em que Ele dá início à obra final de Seu ministério como nosso grande Sumo Sacerdote.

Como se mencionou, nos dias de Daniel o cumprimento da profecia no essencial estava a longa distância no futuro, mas Deus lhe deu alguma coisa para lhe confortar a alma, e pelo menos em parte, satisfaz a ansiedade de seu coração. “Até quando” teve cumprimento local. Vivera ele nos dias em que Nabucodonosor destruiu tanto o templo como a cidade de Jerusalém (Dan. 1:1). Tinha ele aproximadamente dezoito anos de idade naquela ocasião (*Testimonies*, Vol. 4, pág. 570). Lemos ainda que Daniel vivera até o terceiro ano de Ciro, 537 A.C. (Dan. 10:1).

Destarte viveu Daniel o bastante para ver os sacrifícios da manhã e da tarde restaurados. Nisto, o coração de Daniel foi animado e confortado, embora não pudesse entender as implicações de longo alcance de suas profecias.

## III. O Elo Entre Daniel 8 e Daniel 9

Apenas um símbolo não foi explicado, e este é o do período 2.300 dias-anos.

Sustentamos que este aspecto da visão de Daniel 8 foi tratado em Daniel 9, e agora consideraremos certos aspectos desta questão.

### 1. O Significado da Menção do Anjo Gabriel (Dan. 9:21)

A referência a Gabriel, cremos, é indicação do elo entre os capítulos 8 e 9. Em Daniel 9:21 Gabriel, que veio para fazer Daniel entender a visão, era o anjo que Daniel vira no começo da visão como está registrado no capítulo 8. Lá Gabriel é aconselhado por alguém de mais elevada autoridade a dar entendimento da visão a Daniel (Dan. 8:16). Era o mesmo anjo que estava com Daniel quando este desmaiara, e que o confortou e lhe assegurou que a visão era verdadeira. No sétimo capítulo não há nenhuma menção de Gabriel e nenhuma evidência de que Gabriel dera aquela visão a Daniel.

### 2. O Significado da Expressão “entende a visão” (Dan. 9:23).

Gabriel havia anteriormente explicado tudo a Daniel menos a porção de tempo da visão simbólica do capítulo 8. Agora ele reaparece para continuar a explicação em termos literais (Dan. 9:21 e 22) e para esclarecer a parte restante. O anjo emprega as impressivas palavras “entende a visão.” Esta expressão fornece a chave da explicação, pois a palavra “visão” aparece dez vezes no capítulo 8. Deve-se notar, porém, que em Daniel 8 e 9 duas palavras hebraicas, *chazon* e *mar'eh*, não sendo sinônimas exatas, são empregadas no original texto hebraico. Na maioria das traduções apenas uma palavra, “visão” tem sido empregada para expressar estes pensamentos ligeiramente variáveis, e como resultado, o exato intento do original rarissimamente tem sido discernido.

Não deveríamos considerar as palavras hebraicas como tendo algum significado? É possível que, quando se emprega a palavra *chazon*, a referência é a pessoas ou incidentes especiais, vistos e ouvidos na visão (*chazon*). Por outro lado, quando se emprega a palavra *mar'eh*, a referência pode ser a coisas especiais vistas e ouvidas no *chazon*. Um aspecto visto na visão total, o *chazon*, era os “dois mil e trezentos dias” de Daniel 8:14. Contudo a cena especial aí referida é a “visão” (*mar'eh*) da tarde e da manhã (verso 26).

Quando o anjo Gabriel “que eu [Daniel] tinha visto na minha visão ao princípio” (Daniel 9:21), voltou para completar sua explicação da visão (*chazon*), dirigiu a atenção de Daniel especificamente para a visão (*mar'eh*) ao dizer “entende a visão (*mar'eh*)” (verso 23). Exatamente, o *mar'eh*, que fôra explicada

em Daniel 8 é o que Gabriel se referia ao dizer entende a *mar'eh*.

"Não pode haver engano algum quanto a esta identificação da 'visão.' S. R. Driver, abalizado crítico (*The Book of Daniel*, 1936, pág. 133), reconheceu isto, e escreveu que a "visão ao princípio" (Dan. 9:21) refere-se a '8:16.' O seu emprêgo no capítulo 8 e 9 ligados é iniludível, e idêntico tema de ambos os capítulos dispensa demonstração. O que se segue no capítulo 9 é portanto não uma visão nova e independente, mas a continuação da explicação literal da 'visão' simbólica do capítulo 8." — *Questions on Doctrine*, pág. 271.

### 3. O Significado da Expressão "ungir o Santo dos santos"

A expressão "Santo dos santos" é às vèzes aplicada ao santuário como um todo. É, naturalmente, empregada muito freqüentemente como o Lugar Santíssimo, compartimento interior do santuário terrestre, ao passo que a parte maior do mesmo se denominava "lugar santo" (Êxo. 26:33). Há ocaisões, contudo, em que a palavra é empregada a respeito do santuário como um todo, sem considerar suas várias divisões.

Referindo-se ao sacrifício que devia ser comido pelos sacerdotes, Números 18:10 afirma: "no lugar santíssimo o comerás." De acôrdo, porém, com Levítico 6:16 estas ofertas deviam ser comidas no lugar santo. Ninguém podia entrar no Lugar Santo a não ser o sumo sacerdote, e mesmo assim unicamente no dia da expiação no encerramento do ano sacrificial. O Lugar Santíssimo é mencionado em Ezequiel 45:3.

A expressão "santíssimo" ou "santo dos santos" é empregada exclusivamente em relação a coisas e lugares, nunca a respeito de pessoas. Assim diz o Deão Farrar, no *The Book of Daniel*, 1895, pág. 278: "'Santo dos santos' nunca é empregado em relação a pessoa, embora ocorra quarenta e quatro vèzes." Keil afirma que "lugar santíssimo" é um "novo templo", o "estabelecimento do novo santo dos santos", onde será manifesta a presença de Deus. A tradução judaica diz "ungir o lugar santíssimo" (Dan. 9:24, *The Holy Scriptures*, the Jewish Publication Society).

Uma vez que o ministério de Cristo é no santuário celestial, e não no terrestre, tomamos isto como referência evidente à unção ou consagração do santuário celestial preparatório da, ou em ligação com a coroação de Cristo e inauguração como rei-sacerdote (Heb. 8:2; 9:23 e 24.)

### 4. O Significado da Expressão "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo"

O problema com a palavra "determinadas" é que ela é traduzida de vários modos em bíblias estrangeiras. Algumas vertem-na como "decre-

tadas", outras "destinadas", "fixadas" ou "ordenadas". Há mesmo versões que consignam "dividadas" e "abreviadas". O termo hebraico é *chathak*, e este é o único lugar em que ocorre na Bíblia hebraica. Devemos tomar conhecimento deste fato em nossa interpretação desta palavra. Somos acusados de reconhecermos apenas um sentido, a saber, "cortados fora" e a idéia dos nossos críticos é que isto tem sido uma maneira conveniente para fazermos a ligação entre Daniel 9 e Daniel 8. Devemos investigar honestamente e de modo adequado esta crítica, para vermos que justificação temos para o emprêgo da expressão "cortadas". O fato é que os dicionários hebraicos diferem naquilo que deve ter prioridade no termo, mas geralmente dão "cortadas" ou "cortadas fora" como primeira menção.

Brown, Driver and Briggs, em seu *Hebrew and English Lexicon*, registra o verbo *chathak* como "dividir, determinar, cortar, cortar fora, decidir." Kohler and Baumgartner, em seu *Lexicon in Veretis Testamenti Libros*, registra "Cortar", "decidir". Gesênio consigna "determinar", "destinar." O *The Students Hebrew Lexicon* dá o sentido de "cortar", "seccionar," "decidir." O *The Harkavy Hebrew and Chaldee Dictionary* aponta "cortar", "decidir."

A luz disto, pode-se ver que a expressão "cortar fora" tem base considerável para seu emprêgo. Em matéria dessa natureza, no entanto, por que não reconhecer os vários aspectos do sentido da palavra hebraica *chathak*? Não é verdade que o período de 70 semanas foi "concedido" ao povo judeu para efetuar as coisas mencionadas na profecia (Dan. 9:24)? Não foi esse período designado pelo Senhor para este propósito? Sabendo que se trata de um período específico, não podemos também reconhecer que Deus "determinou" este período de tempo para Seu povo? A palavra também significa "cortar fora", como já temos visto, portanto por que não reconhecer tôdas as facetas do sentido da palavra em nossa interpretação da profecia? Assim fazendo temos mais a ganhar do que a perder.

### 5. O Significado do Fato de Daniel Não Ter Entendido a Quarta Cena da Visão [*mar'eh*] (Dan. 8:26 e 27)

O fato de a visão de Daniel 8 encerrar-se sem explicação do quarto símbolo — o das 2300 tardes e manhãs — mas com um virtualmente prometido depois de "muitos dias" indica que era o propósito de Deus revelar este assunto a Seu servo Daniel. Devido haver pontos que ligam este nono capítulo ao oitavo, é razoável concluir que, quando Gabriel veio a Daniel este retomou o fio da profecia a partir de Daniel 8. Gabriel então disse a Daniel que viera para lhe dar capacidade e entendimento, e que

(Continua na pág. 19)

# NOTÍCIAS - Da Imprensa



## Homenagem a Melanchton

▼ Os correios na Alemanha Ocidental iniciaram a venda de trinta milhões de selos especiais comemorativos do quadricentésimo aniversário da morte de Felipe Melanchton, reformador religioso do século dezesseis e cobreiro de Martinho Lutero. O selo apresenta uma efígie de Melanchton baseada num famoso quadro pintado por Lucas Cranach, artista alemão especializado em retratos.

## Os Escritos Sagrados em Nova Língua

▼ Pela primeira vez o Novo Testamento foi traduzido em *faioese*, língua falada por apenas 32.500 pessoas que vivem nas Ilhas Faiões da Dinamarca, a meio caminho entre a Escócia e a Islândia. A Sociedade Bíblica Dinamarquesa remeteu de início quinhentos exemplares do Novo Testamento Faioe aos insulares.

## Ordenação de Esquimó

▼ O primeiro esquimó a ser ordenado para o santo ministério na Igreja Anglicana do Canadá foi o Reverendo Armando Tagoona, de trinta e cinco anos de idade. Elevado ao diaconato no último ano, o Sr. Tagoona ordenou-se em cerimônia realizada no estreito de Rankin, ao noroeste, trezentas milhas ao norte de Churchill na praia da baía de Hudson, pelo bispo Donald B. Marsh da diocese Ártica, cuja sede se situa em Toronto.

## Liga Cristã de Segurança nas Estradas

▼ Uma campanha com a duração de cinco meses objetivando a segurança nas estradas, sustentada por grupos religiosos, foi levada a efeito recentemente em tôda as partes da Inglaterra. Os motoristas são solicitados a orem antes de fazerem o carro funcionar, e evitem ingerir bebidas alcoólicas quando vão conduzir. A campanha foi organizada pela Liga Cristã de Segurança nas Estradas com o estímulo e apoio do governo britânico.

## Pregadores Muçulmanos

▼ A Rádio do Cairo, que está dirigindo uma campanha que objetiva a "completa islamização do Sudão," anunciou que grande número de pregadores religiosos muçulmanos foram enviados ao Sul do Sudão a fim de trabalharem para conseguir conversões. Há notícias de que no Sudão há "conversões em massa" para a religião islâmica e ação do governo sudanês para expulsar muitos missionários cristãos estrangeiros. As autoridades sudanesas há tempos rejeitaram solicitações de diversas organizações religiosas dos Estados Unidos para enviarem missionários ao Sudão. Desde abril de 1957, quando as escolas missionárias existentes no país foram nacionalizadas, o governo árabe foi criando crescentes dificuldades para os missionários cristãos trabalharem lá.

## Curso de Leitura Ministerial para 1961

- 1.º PROFETAS E REIS, de *Ellen G. White*.
- 2.º A VERDADE SOBRE AS PROFECIAS DO APOCALIPSE, do Pastor *Aracely S. Melo*.
- 3.º PAZ COM DEUS, de *Billy Graham* (Edição da Casa Publicadora Batista).
- 4.º A PÁTRIA DA BÍBLIA, da irmã *Irene Santos*.

Os pedidos devem ser dirigidos à Sociedade de Publicações do Campo Local.